

revista bulunga

outubro de 2023 - número 22



Tem gente que fala muita m&%;@,
mas será a primeira vez que você verá
uma **ENTREVISTA** com um



EDITORIAL

Passados quase dois anos da estreia, em fevereiro de 2022, estamos mais uma vez aqui, com a mundialmente famosa Revista Bulunga (só que ninguém ainda sabe disso). Para a alegria de uns e a tristeza de muitos, somos incansáveis, automotivados, dispostos a tirar você, querido(a) leitor(a), do marasmo existencial, do conformismo institucional, e de outras mazelas como enxaquecas, psoríase e prisão de ventre, direcionando-o a buscar o desconhecido, quando poderá atingir um patamar superior ao que a maioria dos pobres mortais um dia jamais foi capaz de alcançar.

Se achou que seria o fim desta ignóbil publicação, desista: chegamos à 22ª edição! Não somos de jogar a toalha e muito menos desistir dos nossos sonhos (para alguns, pesadelos), e se por algum motivo estamos a assombrá-lo, saiba que fazemos o melhor, ou o pior, em proporção cada vez maior, e isto significa que você não precisará recorrer a coachs de araque, modelos siliconados, dancinhas cafonas, lábios inchados de botox, pegadinhas manjadas, e muito menos assistir as cafonérrimas superproduções da Marvel, com seus super-heróis sensíveis e psicanalizados.

Alegre-se, porque estamos de volta! Ou melhor, nunca fomos embora! Para aplacar de vez a pasmeira da sua vidinha, preocupado com os rumos que o país está tomando, com a volta dos que não foram, achando que tudo pode piorar, asseguramos que ainda existem oportunidades de surpreender-se com a monotonia que há de tomar conta do cenário pós-apocalíptico.

Os sinais estão aí, para qualquer um ver, mas muitos se negam a enxergar, pois embalados na distração do capeta, na dúvida entre chupar balinhas de cianureto e ouvir um funk pesado ou esperar por mais um decreto de assistencialismo do governo.

Contudo, não se resume a ler apenas este editorial. Veja a nossa entrevista, identifique-se com o nosso entrevistado e enverede no universo de nossos contos, crônicas e artigos.

Boa diversão!

FAÇA HUMOR, NÃO FAÇA GUERRA

A Revista Bulunga tenta ser engraçadinha até mesmo em tempos de guerra, mas não é fácil fazer piadas nesta situação, principalmente no Brasil, pois aqui os humoristas estão sendo considerados mais perigosos do que terroristas, sofrendo toda espécie de censura, desmonetização, bloqueios de contas bancárias e prisões das formas mais aleatórias.

Lá fora a coisa não está muito diferente, pois uma severa crise de estupidez vai dominando o cenário mundial, o que permite a volta de ideologias fracassadas como o socialismo, do qual só restou o autoritarismo.

O que estamos vivendo não é muito diferente da situação do Bobo da Corte, que literalmente perdia a cabeça quando fazia alguma gracinha que não agradava ao rei.

Muitos pensaram que a pandemia teria servido para despertar nas pessoas um sentimento humanitário, mas foi totalmente o contrário, e o egoísmo eclodiu de uma forma perversa, levando a um ódio generalizado antes só observado entre torcidas organizadas de futebol.

A vida é um jogo de tabuleiro, não sei quem disse isso, o que pouco importa, pois não faz o menor sentido, mas uma coisa é certa: você tem que aprender a jogar. Ou terá o mesmo destino do palhaço do reino.

Isso me faz lembrar “A Fábula do Imbecil”, que conta a história de um homem que frequentava um bar e sempre lhe pediam para escolher entre duas moedas: uma grande, de menor valor, e uma pequena, que valia cinco vezes mais. Ele sempre escolhia a grande, e todos se divertiam com isso.

Um dia alguém resolveu lhe perguntar por quê não escolhia a moeda menor, que valia mais, e ele respondeu, com a sua peculiar inocência:

- Se eu escolher a moeda mais valiosa, a brincadeira termina e não ganharei mais nada.

Moral da história: tolos são os outros.

Por essa você não esperava: uma entrevista com um



A Revista Bulunga, uma vez mais, de forma inédita, consegue uma façanha nunca tentada por qualquer outro veículo de informação, mostrando que o jornalismo ainda possui credibilidade, ao entrevistar personagens deste gabarito, uma criatura literalmente abortada, rejeitada como um filho feio, sem pai nem mãe, resultado de uma sociedade consumista e não solidária. Nestes quase quinze minutos da entrevista, que foi o exato tempo de duração do cilindro de oxigênio acoplado à máscara que utilizamos, pudemos traçar o perfil deste ser enigmático, não tão simpático como a figura que escolhemos para a capa, mas que possui sentimentos, ética, moral e até amor, características que não encontramos em muitas pessoas que circulam entre nós. Vejam a entrevista e tirem suas conclusões, não se esquecendo de acionarem a descarga ao final.

BULUNGA - O Sr. se incomoda se eu usar esta máscara durante a entrevista?

COCÔ - Frequentemente. Mas levo na esportiva.

COCÔ - De maneira alguma. Já estou acostumado com tais reações.

BULUNGA – Você tem outros apelidos?

BULUNGA - Como prefere ser chamado? Sr. Cocô?

COCÔ – Além dos mencionados, tenho vários outros: dejetos, esterco, estrume, titica, fezes, excremento, e por aí vai.

COCÔ - Pode tirar o “Sr.”. E pode me chamar de “você”. Mas, por favor, jamais use o título “Seu”, normalmente utilizado para designar pessoas mais velhas.

BULUNGA - A imagem que utilizamos na capa é a de um simpático emoji, que no Japão é visto como sinal de boa sorte.

BULUNGA - Como assim?

COCÔ - Imagine você me chamando de “Seu Cocô”, “Seu Bosta” ou “Seu Merda”. Soaria bastante ofensivo.

COCÔ - Só que a realidade é bem mais feia... e fede. Tenho consciência disso. Mas também estou ciente de que existe gente muito pior do que eu, que veste roupas de grife e perfumes caríssimos, desfilam em carros de luxo, aviões e iates fantásticos que custam milhões, e praticam o chamado “crime do colarinho branco”. Mas por dentro estão mais sujos do que a minha estirpe.

BULUNGA - Alguma vez já foi chamado de “número 2”?

BULUNGA - No teatro existe o costume de desejar aos artistas, na estreia dos espetáculos: “merda para vocês”. Mas se você responder “merda pra você também” pode ser considerado uma ofensa. O que acha disso?

COCÔ – Uma hipocrisia. Os humanos são, geralmente, muito hipócritas, e acusam os outros de o serem.

BULUNGA – O que você pensa acerca dessas questões relativas ao saneamento básico, principalmente em países como o Brasil, onde a quase totalidade das verbas são desviadas por agentes públicos?

COCÔ – Só posso dizer que, neste país, a minha espécie há de proliferar a céu aberto.

BULUNGA – O que você acha do uso do papel higiênico?

COCÔ - O papel higiênico não é nada higiênico. Hoje em dia, dispensaram a presença dos bidês, que serviam exatamente para garantirem uma limpeza mais eficiente, mas tinha gente que achava que era para defecar e urinar nele também, e aí suspenderam o uso do equipamento. E para piorar a situação, as pessoas deixam os papéis usados se acumulando em cestos de lixo. É uma festa para as bactérias!

BULUNGA – O ideal seria descartá-los no vaso sanitário?

COCÔ – Teoricamente, sim. Mas as tubulações utilizadas no Brasil normalmente não permitem uma vasão adequada da água e assim o encanamento entope com facilidade. Ideal seria utilizarem a ducha higiênica, assim como fazem no Japão, onde os assentos são controlados eletronicamente. Existe até um secador e um jatinho de perfume no final.

BULUNGA – Qual é a composição dos cocôs?

COCÔ – Ao contrário do que muitos pensam, não somos formados por restos de comida, mas por 75% de água e o restante por bactérias, entre 150 e 500 tipos diferentes, algumas delas vivas, além de substâncias não digeridas, como a celulose de vegetais. Por isso não podemos ser ingeridos.

BULUNGA – Você também é ligado a essas questões estéticas, cuidados às vezes excessivos que tomam conta das pessoas nas academias e também nas lojas de grife?

COCÔ – Não posso negar que não me preocupo com essas coisas. O cocô perfeito é esguio, tem o formato de uma salsicha ou uma cobra, não essa coisa amontoada do desenho, que significa um produto diarréico, doente. Também não boiamos, e se isso acontece é por problemas na absorção de nutrientes ou por excesso de gás. Mas dependo de meu produtor para que eu tenha uma boa apresentação, só que ele nem sempre me escuta. Eu falo através de peidos. E você pode observar que os peidos tem timbres variados. Existe uma comunicação baseada em intervalos, intensidades...

BULUNGA – Cocôs tem sentimentos?

COCÔ – É claro que sim. E a expressão do cocô é o peido. Existem os peidos chorados, cantados, abafados, tristes, furiosos, explosivos...

BULUNGA – Interessante... não havia pensado nisso. Faz sentido!

COCÔ – Cocô também é cultura. No Palácio de Versailles, na França medieval, não havia banheiros, e as pessoas esvaziavam os seus penicos, jogando todo o conteúdo pelas janelas, e não era improvável que acertassem os que estavam lá embaixo. As mulheres faziam as suas necessidades por baixo daquelas volumosas saias rodadas que eram impossíveis de tirar. Vale dizer que o sucesso dos perfumes franceses se deve a nós. Mas por conta dessa porqueira toda, veio a grande Peste Negra, que dizimou grande parte da população europeia. Por isso, é preciso manter bons hábitos de higiene.

BULUNGA – Mas com os hábitos de higiene, vocês são literalmente eliminados...

COCÔ – Temos uma vida curta, mas o que importa? É a natureza. Piores são alguns seres humanos que vivem 70 ou mais, e são uma verdadeira merda. Alguns deles até chegam aos mais altos postos da carreira política, e produzem muitas fezes para o país.

BULUNGA – E não há descarga que os tire de lá...

COCÔ – É lamentável...

BULUNGA – Cocôs são segregacionistas?

COCÔ – Ao contrário dos humanos, não existe racismo entre as nossas espécies. Mas não podemos negar que a nossa melhor cor é a marrom, que é dessa cor por causa da bile, produzida pelo fígado, que serve para quebrar as gorduras. A bile é originalmente verde, mas ao passar pelo trato intestinal, é metabolizada por bactérias, que a transformam em estercobilina, que é marrom. Mas convivemos harmonica-mente em fossas sépticas. Todas as cores são bem aceitas, mas é preciso ter cuidado quando o seu cocô sai amarelo, que pode ser sinal de doença no pâncreas, ou excesso de consumo de gorduras; cinza esbranquiçado pode ser sinal de doença no fígado ou no duto que expele a biliar; a cor vermelha pode significar hemorragia no trato digestivo inferior; a verde pode ser sinal de diarreia crônica, que duram mais de 14 dias. Já a cor preta sugere algum sangramento intestinal

como úlcera gástrica/duodenal ou divertículo intestinal ou um tumor intestinal alto, distante do reto e do ânus.

BULUNGA – Boa aula! Você poderia ser um ótimo professor.

COCÔ - Já trabalhei muito com autoajuda.

BULUNGA - E os resultados foram bons?

COCÔ - Uma merda. Como toda autoajuda.

BULUNGA - Você não acredita nesses métodos?

COCÔ - São muito bons para seus autores e palestrantes. Muitos ficam ricos. Mas ajudar os outros que é bom, nada.

BULUNGA - Algo mais a acrescentar?

COCÔ – Comam muita fibra. Bebam muita água. Mas evitem comer milho...



**" Ô, CRIDES!
FALA PRA MÃE, QUE O
LIVRO DELA ESTÁ NA
KÁLAMOS ! "**

VENI BUSCAR
VENI BUSCAR
VENI BUSCAR
VENI BUSCAR

**KÁLAMOS**

www.kalamos.com.br

MONTY PYTHON

Monty Python foi um grupo formado em 1969 pelos comediantes Graham Chapman, John Cleese, Terry Gilliam, Eric Idle, Terry Jones e Michael Palin, e fizeram muito sucesso com a série humorística “Monty Python Flying Circus”, que era um show de esquetes, exibido na BBC de Londres, de 1969 a 1974.

O sucesso foi tão grande, marcado por muita criatividade, irreverência e o humor subversivo do grupo, que a fórmula foi repetida nos filmes “Monty Python e o cálice sagrado” (1975), “A Vida de Brian” (1979) e “O Sentido da Vida” (1983), todos consagrados pelo público e pela crítica.

Pode-se dizer que a influência dos “Pytons” na comédia foi semelhante ao que os Beatles fizeram na música, causando uma verdadeira revolução com o seu humor do tipo “non sense”, inspirando artistas e produções que vieram depois, a exemplo do famoso programa norteamericano “Saturday Night Live” e até mesmo no Brasil, com a “TV Pirata”, “Casseta e Planeta” e “Hermes e



Renato”.

Suas esquetes geralmente exploravam um falso jornalismo, além de paródias de programas da TV, com temas sem pé nem cabeça, cortes abrutos das cenas e o uso de animações e stop motion produzidas por Terry Gilliam, o que foi bastante imitado.

Outro destaque para o grupo eram os personagens femininos interpretados pelos próprios atores, que falavam em falsete, caracterizados de forma grotesca e propositalmente mal cuidada.

A primeira aparição de alguns de seus membros teria sido no programa da TV britânica “The Frost Report”, de 1966, e depois em “Do Not Adjust Your Set”, de 1967 a 1969, até se juntarem e ganharem o seu próprio show.

Jones e Palin se conheceram na Universidade de Oxford, enquanto Chapman e Cleese se encontraram na Universidade de Cambridge. Idle e





Gilliam se juntaram, mais tarde, a estes últimos e começaram escrevendo para revistas e fazendo esquetes teatrais.

Cleese foi o primeiro a largar o grupo, após a terceira temporada de “Flying the Circus”, pois alegou que já não tinha nada a oferecer, visto que suas últimas criações eram um reaproveitamento das anteriores, além do fato de que o alcoolismo de Chapman muito o incomodava (o que ocasionou sua morte prematura, aos 48 anos).

Teria sido exatamente Cleese o mais bem sucedido entre os integrantes, com participações em dezenas de filmes de sucesso (Um Peixe Chamado Wanda, Harry Potter, Pinocchio de Roberto Benigni, entre outros), mas Gilliam também se tornou um consagrado diretor de filmes como “12 macacos” (com Brad Pitt), “Medo e Ódio em Las Vegas” (com Jonny Deep e Benicio del Toro) “Os Irmãos Grimm” (com Matt Damon e Heath Ledger), entre outros. Os demais integrantes, Palin e Idle não foram menos consagrados e tiveram participação em variadas

produções no cinema, na TV, além de bem sucedidas incursões no teatro.

Os seus membros receberam os mais variados prêmios e foram apontados por especialistas como os mais influentes comediantes de todos os tempos, e não poderíamos deixar de mencionar que o “Flyng Circus”, na tradução literal, inspirou os criadores do “Circo Voador”, no Rio de Janeiro, de onde saíram grandes nomes do humor brasileiro, a partir dos anos 1980.

Vários títulos do grupo estão disponíveis no Youtube.



R F i

F ERK

vR

Kim Jordan

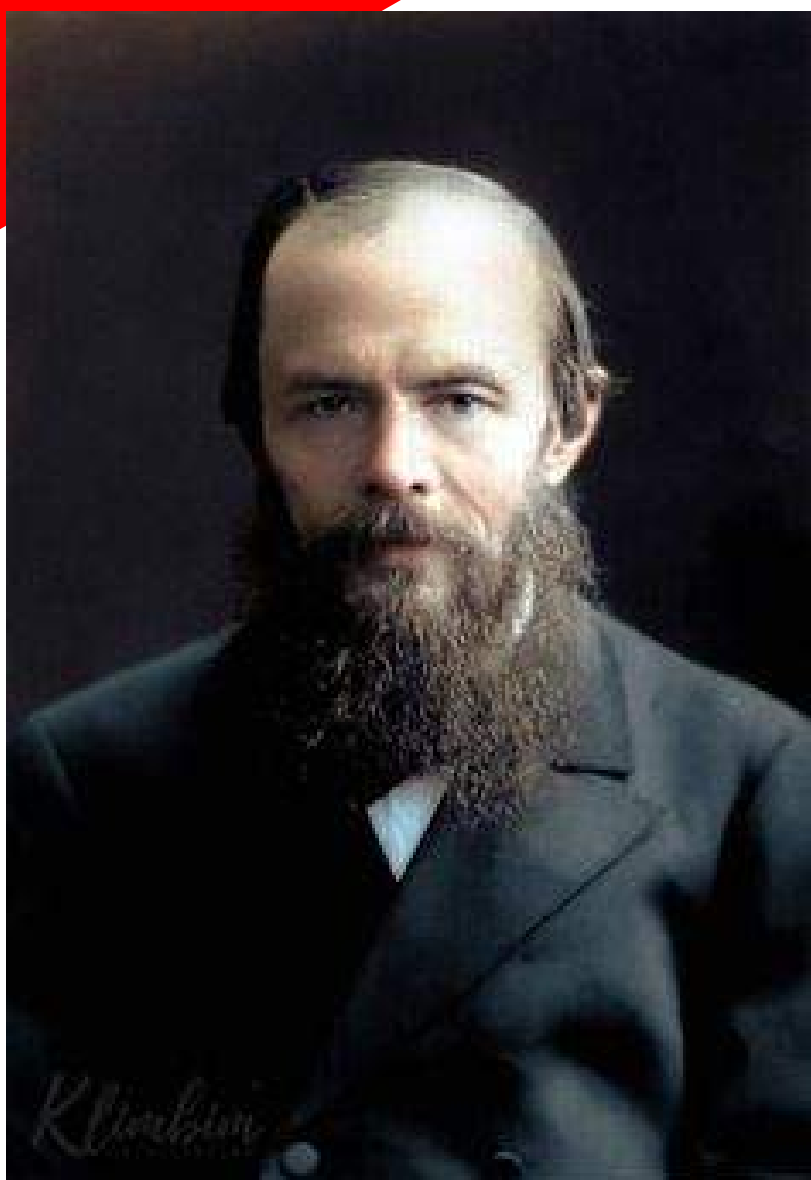
Esta não é uma biografia de Fiódor Dostoiévski, o **grande escritor russo;** não. Escrever sobre ele **demandaria páginas,** páginas e mais páginas, e, **ainda assim, pouco** ou quase nada tocaria a figura **singular,** controversa, multifacetária e **essencialmente** humana do gênio. Antes, apresentarei apenas alguns dados biográficos e me deterei no superlativo: a sua escrita, ou melhor, algumas frases retiradas de suas obras. Nada, nem o próprio “Dosty” (desculpe-me também a intimidade, caro Jorge F. Isahl), falaria melhor de si mesmo do que seus personagens. Também não é o objetivo fazer um estudo crítico da sua obra. Já existem inúmeros, em prosa e verso, vídeos e aulas, simpósios e debates, no qual a figura e sua escrita são dissecados até os mínimos detalhes. E essa pluralidade de visões e interpretações (algumas próximas da realidade e fiel à tradição dostoiévskiana; outras, delírios, má-compreensão ou simples embuste) revela o quão imagéticas eram, ao ponto de não haver qualquer conformidade entre opinião e julgamentos, as visões de críticos e biógrafos. Quero me deter, como é o caráter desta revista, em algo mais, digamos, superficial e festivo, sem o pedantismo acadêmico ou rigor erudito, pois, afinal, já me justifiquei bastante diante de você, e talvez da sua omissão e negligência quanto a este prócere das letras, com a minha própria ignorância.

Aos 11 de novembro de 1821, em Moscou, nasceu Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, filho de Mikhail Dostoiévski e Maria Dostoiévskiaia, cujo pai era médico militar e a mãe dona de casa. Não era uma família abastada, como a maioria dos escritores de sua geração, e estavam sempre às voltas com dificuldades financeiras. A sua educação, e dos demais irmãos, consistia nos ensinamentos do cristianismo ortodoxo (no caso, a igreja ortodoxa russa), teologia, literatura, filosofia, entre outras áreas humanas.

Ingressou na carreira militar, estudando engenharia em São Petesburgo.

Em 1845, escreveu a sua primeira obra, o romance “Gente Pobre”, em estilo realista, que foi um sucesso e chamou a atenção do maior crítico literário da sua época, Belinski. Ele tornou-se uma espécie de padrinho da carreira da mais nova revelação ficcional, a torná-lo uma estrela emergente das letras russas. Contudo, nem sempre, à bem da verdade, as críticas foram positivas, já que o próprio “padrinho” se encarregou, algumas vezes, de tecer análises negativas.

Em 1849, Dostoiévski foi preso por participar do



“Círculo Petrashevski”, um grupo de estudos e debates políticos, com viés marxista e revolucionário, por conspirar contra o czar “Nicolau I”.

Por 10 anos, entre julgamentos e a prisão na Sibéria, e passar por uma execução simulada (este, sim, é o verdadeiro “bullying”, não essas “pegadinhas” inofensivas de ginasianos): diante do pelotão da morte, em que se cumpriria a pena capital, o comandante recebeu a ordem do Czar para comutar a sentença em trabalhos forçados.

Sabe-se, entretanto, que a decisão do Czar em absolver os condenados da morte foi decidida dias antes mas, mesmo assim, ele insistiu com a encenação, ocasião em que se verificou a mudança radical em sua visão política, social e, sobretudo, espiritual. Desse período, muitos livros seriam escritos, integralmente como “Recordações da Casa dos Mortos” ou “Memórias da Casa dos Mortos” (a depender da edição), ou fracionados em romances como “Crime e Castigo” e “O Idiota”, p.ex.

Viciado em jogos, apostava o que tinha e o que não tinha nas mesas e roletas e, com isso, era obrigado a escrever de maneira compulsiva, a fim de custear o vício e a sobrevivência (não nesta ordem, mas talvez nesta ordem). Com a morte do irmão André, que o auxiliou financeiramente por toda a vida, viu-se na necessidade de escrever ainda mais rápido e obstinadamente por dinheiro. Sem muito tratamento e acabamento em suas obras, segundo ele próprio, tinha de matar um leão por dia.

Epiléptico, acometia-lhe crises terríveis (a primeira, enquanto preso na Sibéria), e sua saúde degradingolava vertiginosamente, à medida que as pressões de credores e o vício o tornavam mercê da sorte. Os relatos estão registrados na novela “O Jogador”, que explicita essa fase, nunca terminada, na vida do autor.

Vários dos seus livros foram escritos para periódicos, em capítulos, e depois compilados no formato de livros.

É reconhecidamente um dos maiores escritores de todos os tempos.

Morreu em São Petesburgo, em 1881, vítima de uma hemorragia pulmonar associada ao enfisema. O enterro foi seguido pelas ruas da cidade por mais de 30.000 pessoas até a Igreja do Espírito Santo, onde o corpo foi velado.

Entre tantas influências, Tolstói, Schiller, Gogol e Pushkin, entre outras, a maior de todas foi, certamente, Jesus Cristo, tal qual contado pela Bíblia e interpretado pela ortodoxia ocidental. Certa vez, perguntado sobre a razão de escrever certo texto, argumentou que o objetivo era falar da impossibilidade de viver sem Cristo. Em “O Idiota”, essa visão se torna ainda mais evidente, quando se vê, no personagem principal, o príncipe Míchkin, a personificação do cristão perfeito, o modelo de Jesus.

Algumas frases, a seguir, representam a visão do autor e também de seus personagens que, entretanto, podem ser a sua visão (como disse lá em cima). Vale pela reflexão e para aguçar o desejo do caro leitor de desbravar a lavra desse talento inexplicável que é Fiódor Dostoievski, a mistura correta e equilibrada entre o romancista, profeta e estilista, além da psiquê aguçada, inquieta, mas subordinada à fé no Filho de Deus feito homem... O homem que Dostoievski almejava e queria ser, e, talvez, seja.

- “A beleza salvará o mundo.” – Os Irmãos Karamazov.
- “A mentira é um terrível vício, mas é a obrigação de todo homem de mente superior mentir com elegância.” – Crime e Castigo
- “Amar alguém significa querer envelhecer com essa pessoa.” – O Idiota
- “Aprender a suportar a dor é parte do crescimento.” – O Idiota
- “As ideias não são as coisas.” – Os Irmãos Karamazov
- “As pessoas não podem viver sem desesperança.” – Crime e Castigo
- “A verdadeira bondade do coração humano só pode ser encontrada no sofrimento.” – Crime e Castigo
- “A verdadeira felicidade é impossível sem verdadeiro amor.” – Os Irmãos Karamazov
- “A verdadeira vida começa onde termina o conforto.” – Os Irmãos Karamazov
- “Basta que um homem odeie outro para que seja capaz de matá-lo.” – Os Irmãos Karamazov
- “Deus e a eterna vida são os únicos objetivos dignos do homem.” – Os Irmãos Karamazov
- “Deus permite que as pessoas más existam para que as boas possam mostrar a sua bondade em relação a elas.” – Os Irmãos Karamazov

- “É preciso acreditar no que se está fazendo, caso contrário, nunca se chegará a lugar algum.” – Os Irmãos Karamazov
- “É preciso que o homem se sinta infeliz para poder se sentir feliz.” – Os Irmãos Karamazov
- “Há apenas uma coisa que importa: viver uma vida digna de ser lembrada.” – Os Irmãos Karamazov
- “Há algo em mim que ama a morte e a destruição.” – Crime e Castigo
- “Jamais existiu uma grande alma que não fosse também um grande sofredor.” – Os Irmãos Karamazov
- “Lembrem-se: não há homens maus, há homens infelizes.” – Os Irmãos Karamazov
- “Liberdade é o domínio sobre si mesmo.” – Os Irmãos Karamazov
- “Mais uma vez, a alma humana é capaz de se elevar acima de si mesma, de se superar, de se transcender.” – Crime e Castigo
- “Mesmo que eu tivesse que viver minha vida inteira sozinho, eu ainda assim preferiria viver.” – Crime e Castigo
- “Nada é mais aterrorizante do que a liberdade.” – Os Irmãos Karamazov
- “Não é a felicidade que torna as pessoas boas, mas é a bondade que torna as pessoas felizes.” – Os Irmãos Karamazov
- “Não há nada mais difícil do que a verdade e nada mais fácil do que uma mentira.” – Os Irmãos Karamazov
- “Não somos todos culpados pela miséria alheia?” – Crime e Castigo
- “Nunca ameí a vida... mas é preciso viver.” – Crime e Castigo
- “Nunca perca a esperança, minha querida, a vida é maravilhosa.” – O Jogador
- “O amor é a única paixão que não admite nem passado nem futuro.” – Os Irmãos Karamazov
- “O desejo de liberdade é mais forte do que o medo da morte.” – Os Irmãos Karamazov
- “O homem só é realmente grande quando age por paixão.” – Os Irmãos Karamazov
- “O homem, enquanto vive, é a criatura mais desesperada que existe.” – Crime e Castigo
- “O sofrimento é a pedra de toque da verdadeira grandeza.” – Os Irmãos Karamazov
- “Os homens são feitos para serem amados, não para serem compreendidos.” – O Idiota
- “Os tolos, com sua ignorância, estão no caminho da verdadeira felicidade.” – Os Irmãos Karamazov
- “Quanto mais amo a humanidade em geral, menos amo as pessoas em particular.” – Os Irmãos Karamazov
- “Se a vida é tão insuportável, por que a morte é tão temida?” – Os Irmãos Karamazov
- “Se Deus não existe, então tudo é permitido.” – Os Irmãos Karamazov
- “Se alguém ama, é sempre livre.” – Os Irmãos Karamazov
- “Se não acreditarmos em nada, não vale a pena viver.” – Os Irmãos Karamazov
- “Se queres ser respeitado, debes aprender a respeitar os outros.” – O Idiota
- “Sofrer é o fundamento da verdadeira vida.” – Crime e Castigo
- “Só há uma coisa que eu temo neste mundo, um dia perder a capacidade de amar.” – O Idiota
- “Só se é homem quando se é capaz de ir até o fundo do inferno e emergir de novo ileso.” – Os Irmãos Karamazov
- “Todos somos culpados de tudo, e eu mais do que os outros.” – Os Irmãos Karamazov
- “Um coração alegre é o resultado normal de um coração que arde de amor.” – Os Irmãos Karamazov
- “Um homem só é infeliz quando não sabe o que quer.” – Os Irmãos Karamazov.



Jorge F. Isah

“Duas narrativas fantásticas” é um livro que pode parecer, à primeira vista, tratar de temas irreais e utópicos. Engana-se quem assim pensa. Poderia chamá-lo de “expectação suprarreal” tal a realidade (e também humanidade) dos temas abordados. O livro se compõe de dois contos: “A

Dócil” e “Sonho de um homem ridículo”, onde o assunto “suicídio” está presente, em ambos.

No primeiro, temos um homem de 40 anos aproximadamente, casando-se com uma jovem recém-saída da adolescência. Ela é criada por duas tias que pretendem uni-la em matrimônio com um homem asqueroso e rude; mas acaba por conhecer, e por fim casar-se, com um negociante, dono de uma loja de penhores. Ele fora militar; sendo desligado da corporação por se recusar a duelar com um companheiro de farda, que o insultou. Por isso, ficou com a pecha de “covarde”, a atormentá-lo, de certa forma, por toda a vida.

Ele se apaixonou pela garota, por sua beleza, meiguice e a docilidade do título. Ela, para se livrar do brucutu com o qual as tias queriam uni-la, aceitou o pedido de casamento do negociante, e acabaram juntos.

No início, às mil maravilhas; porém, com o passar do tempo, ele vai se tornando controlador, exigente, individualista, e a mantém distante de si. Eles pouco ou nada dialogam. Não têm uma vida compartilhada além do local onde moram. Isso faz com que a relação frágil se torne ainda mais débil e perigosa (ele fugindo da solidão, e ela de um casamento indesejado), tornando-os, enfim, amargos e quase inimigos.

Ela abandona a docilidade para se tornar em uma mulher sediciosa, provocadora e adúltera. Numa clara tentativa de autodestruição, de desprezo a si mesma (ainda que respaldada pelo desprezo ao cônjuge), frustrada, e em estado de beligerante vingança.

O marido, ao perceber a traição e a rejeição, e o desprezo da esposa, obriga-se a uma reação de autoridade, como se suficiente para transformar o caos existencial de ambos em ordem, no retorno à harmonia perdida.

O ponto é: duas vontades, aparentemente boas e benéficas, podem descambar para a beligerância e a destruição? Entre a rigidez de um relacionamento formal e conveniente, e o sonho de perfeição, romântico e singelo, está o homem e sua humanidade, disposto a frustrar os dois esquemas, revelando que a vida é muito mais complexa do que

uma suposta unidade de interesses possa contê-la; a vida toma rumos desconhecidos, ainda que muitos previsíveis, se o homem não deixar de olhar para si mesmo tão somente, e observar o próximo com cuidado, generosidade e caridade. A perfeição não pode ser exigida, nem mesmo no amor, se não houver uma disposição ao sacrifício, a entrega voluntária do seu orgulho, desejos, ambições e egoísmo em favor do outro, de tal forma que, mesmo pessoas diferentes e com vontades distintas, se harmonizarão do mútuo anseio de privilegiar aquele que é o alvo do seu amor. Se não acontece... Quanto ao suicídio, bem, leia a história e saiba como terminou.

O outro conto, “Sonho de um homem ridículo”, muitas vezes é compreendido como se fosse um sonho ridículo, quando o título nos remete a um homem ridículo, que necessariamente não tem um sonho ridículo. Pela grandiosidade da narrativa dostoevskiana, alguns imaginam que o sonho daquele homem não passa de um delírio, uma utopia infinitamente distante da realidade humana, quando, o que o autor nos revela é exatamente a essência dessa realidade, a humanidade em todos os seus detalhes, ainda que relatados em uma porção de páginas.

Sem fazer um spoiler do livro (o que, infelizmente, acabei por fazer no comentário ao outro conto), “Dosty” (desculpe-me a intimidade, mas sou leitor do russo desde a adolescência, então me permito certas liberdades) revela que a esperança não pode estar em um homem, ou mesmo em muitos homens, deste ou de outro mundo, pois mais cedo ou mais tarde a sua inclinação para o pecado, para a subversão e a incitação ao mal, aflorará. Um único homem pode pôr tudo a perder, ao incitar outros a trilharem o mesmo caminho de morte no qual transita.

A referência ao Éden e à Queda, descritos no livro de Gênesis, é clara, trazendo, na trama, as mesmas consequências para a humanidade advindas da rebeldia do casal primevo. O homem inclina-se para o mal, a despeito de todo o bem que está a cercá-lo, da bondade divina e que lhe foi entregue também na obra da Criação.

Contudo, existe redenção, existe perdão, se houver sincero arrependimento dos seus pecados, é possível ver a luz e vislumbrá-la por toda a eternidade. Este me parece o cerne, digamos, a parte otimista em toda a narrativa de “Dosty”, desde “Crime e Castigo” até mesmo nesse singelo, mas fantástico conto.

Ah, sobre o suicídio, que falei no primeiro comentário, e que está presente em ambos os contos, deixarei para que você mesmo leia o livro e se certifique do que estou falando, como o apontar a direção.

Livro curto, belo, em descrever a miséria humana, mas com os eflúvios eternos do porvir.

Avaliação: (****)

Título: “Duas Narrativas Fantásticas”

Autor: Fiodor Dostoevski

Editora: 34

128 Páginas

Sinopse: “Designadas pelo próprio autor como “narrativas fantásticas”, as duas novelas aqui reunidas foram publicadas pela primeira vez nas páginas do Diário de um escritor, publicação mensal redigida por Dostoiévski entre 1876 e 1881.”

EMOJIS



Você deve estar curioso para saber quem criou o primeiro emoji, que significa imagem (e) e personagem (moji): foi Shigetaka Kurita, um japonês, é claro, que trabalhava para uma empresa de telefonia celular em seu país, e a primeira figurinha utilizada foi a do coração, mas o aparelho ainda era um “pager”, utilizado para transmitir recados, e que antecedeu o celular.

Após o lançamento desse invento, também chamado smartphone ou telefone móvel, que escravizou e se tornou uma extensão do corpo humano, Kurita criou um conjunto de 176 imagens de 12 x 12 pixels, capazes de expressar as emoções humanas mais básicas.

O “cocozinho sorridente” foi um sucesso absoluto no Japão, onde simboliza “boa sorte”, mas o coraçãozinho, a carinha sorridente, a mãozinha com o polegar para cima e as duas mãos batendo palmas ainda são as figuras mundialmente mais utilizadas. Tem muita gente que se preocupa em ficar alterando

as cores dos “emojis” nas comunicações através de aplicativos com o o Whatsapp e o Messenger, e que geralmente servem para encerrar a conversa, significando que “estou sem saco para comentar”.

As opções de cores para essas figurinhas (correspondentes ao tipo racial de

quem está postando) são: amarelo, bege, chocolate ao leite e chocolate amargo. A opção mais utilizada é a amarela, por ser a primeira, pois tem muita gente que tem preguiça de mexer nisso, apesar de não existir ninguém no mundo que seja dessa cor (os orientais são morenos), a não ser que o cara tenha icterícia, e mesmo assim fica é meio esverdeado, como o Incrível Hulk, que foi esquecido pelos desenhistas dos emojis.

Também fazem muito sucesso aquelas figurinhas estáticas, que reproduzem os “memes” do momento, mas existem ainda as animações, que se espalham que nem vírus, e que substituem os tradicionais emojis, mas que também são emojis.

Contudo, é muito irritante conversar com alguém que só responde por essas figurinhas. Pior ainda é tentar se comunicar com quem não

utiliza uma variação, respondendo apenas com um coração ou com a mãozinha do polegar levantado. O legal é sempre variar, e para isso já existem até os aplicativos disponíveis gratuitamente na Apple Store e no Google Play, lembrando que vale a pena vc intercalar essas figuras com algumas palavras.



PRÓSTATA

um conto de **Michel Salomão**

Conheci um homem que apreciava fazer exames de próstata. Dois por mês, para ser mais exato. Ficava em busca de falsos negativos, pois dizia que um parente havia morrido de um câncer no controverso órgão. Mas nunca chegou a revelar qual parente seria esse.

Procurava ir duas vezes no mesmo profissional: logo após a primeira consulta já marcava um retorno, na eventualidade de se verificar um falso negativo. Por causa do histórico do parente, sempre dizia.

Teve que montar um verdadeiro esquema, para que o plano de saúde não estranhasse essa extraordinária frequência, mas fazia de uma forma que os próprios médicos não desconfiassem dessa repetição, pois em sua cidade havia 12 especialistas, e só retornaria ao primeiro após um ano e tudo acabaria bem.

Teve uma época em que, cismado com a demora para a liberação das consultas, revolveu pagar como particular, mas depois de um tempo constatou que não era nada: apenas um problema no sistema. E até conseguiu o reembolso do valor gasto.

Vale dizer que no dia do exame realizava um verdadeiro ritual, com direito a banho relaxante e cremes especiais para a pele, se perfumava todo e vestia uma cueca nova, comprada especialmente para a ocasião.

A esposa chegou a estranhar toda essa preparação, imaginando que poderia haver alguma vagabunda na jogada, mas o marido era tão sério e seguidor da Virgem Maria de Guadalupe, participava das novenas da igreja e colaborava fervorosamente com as diversas campanhas que o Padre Expedito promovia na paróquia, que acabou deixando

de lado a desconfiança, mesmo porque não tinha tempo a perder, pois era professora do ensino fundamental e trabalhava nos três turnos, e só chegava em casa após as 23 horas, quando tinha que corrigir os deveres de casa dos alunos e também dos filhos, e só ia se deitar, exausta, após a 1 da manhã, depois de comer um pão recheado com qualquer coisa que fosse, até mesmo um pardal que acaso estivesse ao seu alcance, pois a fome era tão avassaladora que não conseguiria jamais aplacar, e o vazio que lhe corroía as vísceras não era suficiente para fazer com que emagrecesse um só grama, e assim passava os dias e as noites alucinada com o propósito de ainda poder recuperar o corpo que tinha antes de ganhar os filhos.

Mas o seu marido, certa vez, quase chegou ao desespero quando soube que um dos médicos, o Dr. Venâncio Sabinópolis, iria se aposentar em breve, e isso atrapalharia o esquema que havia montado com todo o cuidado, e com essa ausência poderia ficar suspeito ter que repetir duas sessões antes do tempo previsto com outro profissional, e talvez fosse obrigado a consultar um médico das cidades vizinhas, mas a sua angústia não durou muito tempo, pois logo ficou sabendo que em breve chegaria um substituto, e essa seria uma boa oportunidade para forçar dois exames extras com o novato, antes de completar um ano, pois evidenciaria a sua preocupação por conta do parente morto.

Porém, quem chegou para substituir o Dr. Venâncio foi a Dra. Sandra Madalena, uma morena miúda, de sorriso largo e mãos delicadas. Ele nunca havia se consultado com uma mulher, para aquela finalidade, mas era aberto a novas experiências e assim

se encaminhou para o consultório naquele dia 22 de novembro, em uma manhã cálida que prenunciava o verão.

Como de costume, despiu o paletó, afrouxou a gravata e se dirigiu à maca, pronto para se colocar na posição de “mão francesa”, que era a mais usual, mas a mulher pediu que subisse na maca e se deitasse de lado, com as pernas dobradas e as calças e a cueca baixadas até o tornozelo.

Não se opôs ao comando, mas se lembrou da sua primeira consulta, exatamente com o Dr. Venâncio, esse que agora se aposentara. Não havia sido uma boa experiência inicial, pois foi tão rápido que até estranhou, considerando que o médico mal ajeitou as luvas nas mãos, e o dedo entrou e saiu numa facilidade assombrosa, o que o deixou intrigado com a falta de resistência daquele seu órgão corrugado, que acreditava poder impedir com bravura a tentativa de invasão de qualquer elemento estranho, mas teve que pedir a repetição do exame, pois alegou estar sentindo alguma coisa diferente naquele local, e teria sido essa a razão da consulta, mas não podia precisar exatamente o que era.

Consternado, o médico calçou novas luvas e dessa vez introduziu o seu dedo médio canhestro com mais vigor, procurando por todos os cantos onde eventualmente estaria localizado o incômodo que o seu cliente havia relatado, mal sabendo ele que era um desconforto da alma, uma inquietação que lhe tirava o sono todas noites, enquanto escutava sua mulher deliberadamente roncar, resultado do excesso de peso que prometia amenizar com uma cirurgia bariátrica, mas o hospital só teria vaga para dali a 2 anos, e assim ele temia que até lá ela dobrasse de peso, correndo o risco de explodir.

Depois daquele segundo exame passou a sentir uma espécie de alívio, como se aquele toque tivesse conseguido romper uma membrana que o separava do mundo imaginário, até então inacessível, e assim procurou o profissional para repetir o exame por mais vezes, mas ele sugeriu que recor-

resse a um psiquiatra.

Envergonhado com o episódio, alegou que a preocupação se justificava pelo fato da morte de um parente, por um câncer agressivo que o atacou, a partir daquele órgão, aos 45 anos de idade, se espalhando por vários outros em uma metástase extremamente lenta e dolorosa. Mas ainda assim, o Dr. Venâncio o orientou a retornar somente no ano seguinte, pois a sua próstata estava como a de um adolescente.

E foi assim que começou a sua peregrinação por outros consultórios, e sempre que viajava a negócios, ou até mesmo de férias com a família, procurava se consultar com algum especialista naquelas cidades.

Certa vez, porém, recebeu um diagnóstico mais preocupante, e veio exatamente da Dra. Sandra Madalena, pois o seu órgão havia sofrido alguma alteração, e assim realizou todos os exames solicitados e os repetiu incontáveis vezes até se dar conta de que era maligno, e que teria que extrai-la por completo.

Mais assombrado ainda ficou quando soube que dali em diante o acompanhamento seria apenas por ressonância magnética e exames de sangue, tornando-se desnecessário o toque retal. Naquela mesma noite, trancou-se em seu quarto e disparou um único projétil em sua têmpora esquerda, deixando inconsoláveis os seus parentes mais próximos e os poucos amigos e colegas de trabalho que foram ao seu modesto velório.



Post Scriptum II

Jorge F. Isah

A porta se abriu. O CEO do hospital não se levantou, nem o cumprimentou. Havia um clima de nítida irritação e instabilidade na sala, onde se ouvia apenas o barulho do ar-condicionado e o teclar nervoso do chefe em busca de distração, algo a trazer-lhe segurança e equilíbrio. Súbito, ouviu das mini caixas de som espalhadas ao redor, o home-theater do escritório, o som de uma música, provavelmente de origem indiana, enquanto juntou as mãos espalmadas na altura do peito e inclinou levemente a cabeça, algumas vezes. Desligou a música, após cerca de meio minuto, recostou-se na cadeira, e apontou outra, à sua frente.

- Sente-se!

A voz modulou entre o agitado e o contido, partindo daquele para esse, numa tentativa notória de demonstrar autocontrole, mas deixava transparecer o desconforto quase explícito com aquela situação.

- Isso tem de acabar, Não dá para ficar protelando mais. Ou você faz o que tem de fazer, ou serei forçado a agir com rigor, conforme a lei, e denunciá-lo às autoridades...

Os seus olhos desviaram-se ora para o monitor, ora para o tampo da mesa, ora atravessava o interlocutor e atingia a porta e o quadro abstrato, de aspecto no mínimo equivocado, ora se perdia em algum ponto indefinido, a ver o vácuo, à caça de convicção, na esperança de persuadir-se a si mesmo do que estava a prometer.

- Veja bem, você não me dá outra opção... Os acionistas e o conselho estão preocupados com os rumos que as coisas estão tomando... as ações caíram e não sei aonde vamos parar...

Era quase uma súplica, de forma a garantir não ser necessário chegar às vias de fato, de cumprir a promessa e ser obrigado a decidir inflexivelmente, algo indesejado e que esperava prescindir; bastando, entretanto, não de si mas de o subordinado declinar de seus princípios morais e éticos, e corresponder simplesmente ao que lhe era exigido e ao qual deveria se submeter. Consistia de questões muito acima dos seus padrões pessoais, dos seus valores, a implicar em uma disputa catastrófica, no fiasco para si, sua carreira e em imbróglios para a direção e o próprio hospital... tão simples como o sol nasce todos os dias era o cumprir a lei, se certa ou não, justa ou não, moral ou não, nada disso era rele-

vante, importava manter-se dentro dela pois, do contrário, a vida se transformaria em verdadeiro inferno, e quase ninguém estava disposto a renunciar a este ponto, de privar-se da carreira, conforto, status, ascensão social e todos os favores disponibilizados pela modernidade. O outro lado era a escuridão, e depois de se entrar nela, sair era impossível, o suplício a arrastar-se por toda vida, e mesmo se retratando publicamente, as sequelas e o descrédito o acompanhariam até o túmulo... Seria tão somente o traidor, o rebelde, o terrorista, o bandido e criminoso, ao sustentar suas opiniões e o que se parecesse com "consciência", algo tão relativo e indefinível quanto o certo e o errado, o bem e o mal, e assim por diante... No final das contas, pouco ou nada da antiga vida se evocará, e a reabilitação nunca será de fato abrangente, nada além de fragmentária, se tanto, discutível e improvável... uma mancha que não se elimina, nem o tempo a remove.

O silêncio, ensurdecedor, não foi suplantado pelos acessórios e movimentos involuntários.

- Não me decidi, ainda...

- O que está esperando?... Não dá para ficar assim... Você teve todas as oportunidades do mundo! – Disse o CEO, rapidamente abandonando a atitude forçosamente conciliatória e moderada.

- Não é tão simples...

- O que não é simples?! – Já se fazia acrimonioso.

- Você diz que todas as oportunidades me foram dadas, mas quais foram?... Nada além de obedecer a uma norma que fere todos os sagrados juramentos da medicina, da ética... São essas as chances? De fazer as coisas como um robô, um soldado na guerra, pronto a matar para não morrer?

O chefe ficou estupefato. A situação se apresentava ainda mais complexa e irritantemente embaraçosa. O que ele estava pensando?... Sempre imaginou o cenário de sobrevivência, de ser imprescindível aguentar os trancos e solavancos desta vida a qualquer custo, e conservar, ao menos, a cabeça fora d'água, sem se afogar. Os tempos eram outros, sabia, mas a urgência de adequar-se e resignificar os padrões e expectativas tradicionais, esquecer até certo ponto o que se sabe para fazer o que se deve, passou a distinguir os vencedores dos fracassados, os vivos dos mortos, a separar as batalhas que se deve lutar e descartar as inviáveis... Quantas vezes não

olhou para os filhos e disse a si mesmo valer a pena fazer o que fazia para o bem deles? Para garantir-lhes um futuro melhor? Quantas vezes não olhou para os filhos e disse a si mesmo valer a pena fazer o que fazia para o bem deles? Para garantir-lhes um futuro melhor? Quantas vezes não se olhou no espelho, e disse: “Continue! É assim que deve ser! Tudo o que importa é a família e o futuro garantidos!”... Certa vez, em um roubo inidentificável, em uma ligeira e súbita manifestação de sensibilidade, notou as inúmeras ocasiões em que disse a si mesmo a importância do seu cargo, de sacrificar algumas vidas em prol de outras, de fazer o seu trabalho devotadamente, e seguir a máxima dos fins justificarem os meios... Veio-lhe também a expressão “boi de piranha”, e se alguém se perder, em favor de dois ou três, era justificável e até mesmo desejável e legal, por que haveria de se torturar com os esporádicos apelos da consciência?... De princípios remotos e questionáveis?... Era o único? Não havia tantos quanto ele a agir da mesma forma? Em conquistar o “bem maior”? Seja lá o que isso represente?... Era justo, na altura do campeonato, colocar em dúvida toda a carreira e os padrões que o levaram àquele momento? À posição que ocupava?... Não era correto perder tudo por causa de um escrúpulo, um detalhe entre incontáveis detalhes?... Não! Aquilo tinha de ter fim, por bem ou por mal!

- Queremos a justiça para pacientes à espera de um leito, de um tratamento, enquanto dispendemos recursos de dezenas, centenas de milhares de dólares, com uma única pessoa... Não vê que a decisão é sobretudo humana?... Os números provam que a conta não fecha, e não é possível manter todos em terapia.. É preciso renunciar a um e outro em prol de mais pacientes com melhores chances, com mais probabilidades... São as estatísticas que dizem, não sou eu... Infelizmente, não é possível solucionar todos os problemas, é preciso fazer escolhas, e não tenho problema algum com isso!

Parecia uma calculadora, fria, impassível, e submeter tudo a gráficos, colunas, tabelas e coeficientes caprichosamente alinhados às diretrizes financeiras e em nada com as humanitárias.

- Então, é preciso ser arbitrário, ir contra o senso e valores comuns, ir contra a vontade explícita do paciente e familiares, decretar a morte para que outros vivam?... É isto que está a dizer?

- Você sabe muito bem como as coisas funcionam...

- Quem nos investiu do direito de matar, já que não somos quem deu a vida?... É justo tirar o que não damos? E dar o que não podemos?... Isso não é brincar de Deus?

Essas questões revolveram-se no íntimo ou, melhor, ele não estava disposto a discutir coisas tão intangíveis e metafísicas em um momento como aquele, não havia tempo nem espaço para querelas que não levariam a lugar algum. Fazia-se urgente dar um desfecho àquilo tudo, e não havia outra maneira de lidar com a situação a não ser com um veredito,

podemos debater questões nada práticas, que nada têm a ver com o dia a dia e a realidade. Então, vamos ao que interessa e deixemos a filosofia para outra hora e lugar.

Considerou as próprias palavras, e descobriu-se a repetir, quase do mesmo jeito, a fala dos conselheiros na reunião daquela manhã. Era papagaio de pirata? O reverberar dos manuais, cartilhas e silabários administrativos?... Balançou a cabeça. Tinha de afugentar os pensamentos a torná-lo vulnerável e suscetível a orientações previamente estabelecidas pela tradição... Não estaria igualmente capturado às mesmas diretrizes anteriormente esboçadas por conselhos, diretorias e doutores? E aliviar-lhes o peso ao dizer o que não pretendiam mas queriam, sem que fossem expostos e não sobrasse nada a não ser a vontade das contagens e registros? Estatísticas e quocientes?... Como se nada partisse deles, apenas os números seriam as suas vozes e eles não falariam pelos números...

Moveu o pescoço várias vezes à direita e esquerda, que se viu grogue, e deixou, no interlocutor, o olhar estupefato, de alguém a presenciar uma ojeriza colossal.

- Quer dizer, e diga-me se eu estiver errado, que manter a vida, seja de quem for e em quais condições forem, não é uma questão prática, não tem nada a ver com a realidade e o cotidiano hospitalar? É isso o que está propondo?... Se a vida não é prática, diga, o que mais pode ser?

Havia um copo de água cheio sobre a bancada lateral à mesa. Esticou o braço e sorveu-a depressa, quase engasgando-se.

- Você está pondo palavras na minha boca... Não disse nada disso!... Está querendo me enrolar e fugir da sua responsabilidade! – Disse claudicante e rabugento.

- Diga-me, por favor: qual a minha responsabilidade? – Assumiu o papel cínico, pois, cada vez mais, as dúvidas se esvaeciam e, apesar da situação dramática, não havia como lidar de outra maneira com o chefe.

- Se não sabe, estamos perdendo tempo! – Em instantes, só lhe vinham à mente imaginar-se com o copo de whisky cheio e alguma scort a agradar-lhe diplomaticamente, no início da noite.

Não se despediram. O chefe esfregava a cabeça impaciente, enquanto diminuiu a temperatura do ar-condicionado, e o outro levantou-se, abriu a porta e deixou-a entreaberta, ante o olhar espantado da secretária.

**FAÇA O SEU ANÚNCIO NA
REVISTA BULUNGA**

O POIROT COADJUVANTE EM "O ASSASSINATO DE ROGER ACKROYD"

Guido Malaparte

Leio Agatha Christie desde os 10 anos, mais ou menos. Iniciado por minha mãe, que era fã dos seus livros e, também, apreciadora de Edgar Wallace (outra das minhas leituras na infância). Perdi a conta, quantos dos seus romances passou por minhas mãos. Na verdade, não faço ideia. Até, porque, a obra da autora é prolífera. Normalmente, são enredos possíveis de se ler em um dia ou dois, e divertir-se bastante ao fazê-lo.

Então, passadas duas décadas, decidi retornar ao universo do detetive Poirot, já que a maioria dos livros policiais lidos recentemente foram do estilo noir (Chandler, Hammett, Goodis e Cain) e outros na mesma linha inglesa: Stout, Chesterton (com fantástico Padre Brown) Simenon, entre outros. Iniciei por este, "O Assassinato de Roger Ackroyd", considerada a sua obra-prima e que ainda não lera (ao menos, não me lembrava de tê-la lido).

Romances como os de Agatha, Simenon e Wallace têm uma malha profusa de personagens secundários, ações, insinuações, blefes, acidentes e casualidades que tornam a figura do vilão quase inidentificável na trama. Ao menos, é o que eles tentam, e alguns conseguem. Não é raro você se deparar com a convicção de "quem" é o assassino muito antes do clímax final. Mesmo com todas as pistas falsas, não é difícil, se houver atenção aos detalhes e particularidades de cada envolvido, desvendar o mistério; questão de tempo, mas acontecerá. Por isso, a necessidade de muitos personagens ou suspeitos para, no embaralhar das cartas, a almejada permanecer escondida.

E se este aspecto pode ser considerado negativo, o que não considero, o positivo são os detalhes, as minúcias, presas ao novelo enquanto se desenrola. As vezes a conclusão é tão óbvia porque, mesmo as pontas soltas, existe uma a uni-las.

Poirot é aquele detetive arguto, racional, meticoloso, desconfiado e, de alguma maneira, dissimulado e trapaceiro (um velhaco), muito diferente de um Sam Spade, por exemplo, que "tropeça" nas evidências e tem, na teimosia e algum senso de moral e justiça, o mérito para desvendar os seus casos. Poirot é um racionalista empedernido, autoconfiante e um diletante da própria inteligência e talento. Chega a ser entediante, às vezes, o seu egotismo.

De uma forma geral, "O Assassinato de Roger Ackroyd" é um típico exemplar do estilo "Whodunnit", entretendo, divertindo, instigando e fazendo passar aquelas modorrentas horas sem ter o que fazer, ou sem estar disposto a fazer nada. Não é brilhante, mas é um livro condizente com a fama de Agatha Christie.

Não espere personagens profundos e psicologicamente bem construídos. Eles não são os



protagonistas. O crime, e o seu desvendar, é o personagem principal do livro. Toda a construção da história se baseia nele, inclusive os personagens. Estes são adereços e penduricalhos a permitir a fluência do grande "herói". Como luzes a iluminar um monumento. Poirot não é o herói. Nem o transgressor. Nem a vítima. É apenas acessório. E estamos conversados! No muito é a escada, assim como um desfile de degraus no enredo (homens, mulheres, bons e maus) para o verdadeiro protagonista: o crime e suas particularidades.

Em tempo: lá pela metade do livro, já sabia quem era o criminoso. Suspeita iniciada quando Poirot entrou na trama, mas confirmada depois.

Avaliação: (***)

Livro: O Assassinato de Roger Ackroyd

Autora: Agatha Christie

Páginas: 296

Editora: Globo

Sinopse: "Em uma noite de setembro, o milionário Roger Ackroyd é encontrado morto, esfaqueado com uma adaga tunisiana – objeto raro de sua coleção particular – no quarto da mansão Fernly Park na pacata vila de King's Abbott. A morte do fidalgo industrial é a terceira de uma misteriosa sequência de crimes, iniciada com a de Ashley Ferrars, que pode ter sido causada ou por uma ingestão accidental de soníferos ou envenenamento articulado por sua esposa – esta, aliás, completa a sequência de mortes, num provável suicídio. Os três crimes em série chamam a atenção da velha Caroline Sheppard, irmã do dr. Sheppard, médico da cidade e narrador da história. Suspeitando de que haja uma relação entre as mortes, dada a proximidade de miss Ferrars com o também viúvo Roger Ackroyd, Caroline pede a ajuda do então aposentado detetive belga Hercule Poirot, que passava suas merecidas férias na vila."

A MULHER DO

Jorge F. Isah



Ela empenhou-se em arrumar a casa. Havia tanto a ser feito, consertado, limpo e reconstruído, que cogitou a impossibilidade de fazê-lo. Chegou a desanimar e perder o ímpeto inicial, e, por pouco, muito pouco, não jogou a toalha e colocou o imóvel à venda. Se antes fora um local seguro e aprazível, agora se tornara em amontoado de escombros, arruinado, vulnerável, insalubre. Quantos dias, semanas, seriam necessários para torná-lo habitável novamente? Esses pensamentos deixavam-na instável, às portas de acessos histriónicos e ensandecidos, em gritar alto para todos os ouvidos a sua insatisfação e tristeza, sua aflição e desespero, a aversão pelo agir insensível, deplorável e covarde da vizinhança... via o seu vigor definhar, pois nem mesmo aspectos nitidamente ligados ao desejo de vingança entabulava-se, desenvolvia-se em planos e estratégias a fim de se consumir, e quanto mais pensava em elementos catalisadores, chegava sempre à mesma conclusão: perda de tempo... era uma batalha fracassada e sem sentido.

Havia os traços morais a provocar, na Mulher do 171, indignação e raiva, de um jeito nunca antes sentido, pois, se de maneira geral desprezava as pessoas simplesmente por não denotarem absolutamente nada, muito menos trazer algum dividendo ou adjeção à sua vida, e ter permeadas as suas relações... digamos, pessoais, mas que eram essencialmente impessoais, os últimos incidentes arrastaram-na para um campo decididamente belicoso, nada parecido com a neutralidade de antes; a antipatia começou a nutrir os músculos, nervos e sentidos com algo nunca imaginado: dar-lhes o troco. Não esperava traçar um esboço onde os inimigos, sim, agora eram adversários declarados, seriam abatidos um a um, não, nada disso! Antes, desejava vingar-se ao erguer novamente a casa, não uma modesta e funcional residência, mas algo melhor, maior e destacável. A simplicidade quase rústica em que se metia dia após dia, em sua rotina, as bagatelas da solitária e inexpressiva moradora do No. 171, daria lugar a algo marcante e pronunciado. Por que se meteram a destruir o seu lar, sua vida? O que havia de tão ameaçador e delinquente a ponto de se prestarem ao papel de algozes e verdugos?... Não havia justificativa, apenas a maldade, inveja e a mais viral de todas as doenças humanas: juntar-se, e assim cada um podia se esconder no outro, nos outros, sem a chance de ser pego em seus barbarismos e patifarias, como uma grande esponja a sugar tudo ao redor, múltiplos corpos unidos no intento de pilhar tudo o que a sua decadência não era capacitada a produzir, mas cogitava possuir e, se não fosse possível, destruir.

Sim, era verdade, ela não era “flor que se cheire”, mas que mal fizera? Sempre cuidou da sua vida, sem levar ou trazer problemas a ninguém, vivia a sua vida com o que havia para viver: ela e esporadicamente um gato, um cachorro, ou ambos, e raramente nenhum. Chegou a dizer ser mais amiga dos bichos do que de pessoas, mas não era a primeira nem seria a última a pronunciá-lo. Não era dada a confraternizações, emocionalismos bregas, gritos e extravagâncias, desde que se mantivessem a distância segura. Não se metia com nada ou ninguém, mas não queria se ver metida à força em algo ou com alguém, com a finalidade de se enturmar ou ser sociável, e ser encontrada em um grupo, seja lá qual fosse. Cuidava da sua vida e assim achava necessário e prudente cada um cuidar da sua também. Mesmo sem um pacto ou acordo explícito, estava nas entrelinhas o compromisso tácito de cada um zelar pelo seu quadrado e não avançar no do outro. Assim vivera até então, e tudo se desenrolava normal e naturalmente; vez ou outra, um mal-entendido aqui, uma rusga acolá, mas nada a suspender a paz; se agradável ou não, compreendida ou não, ideal ou não, os termos eram respeitados e traquejados por todos. Então, não deixou de ser surpresa a maneira como as coisas se deram, a que ponto chegaram, e o ápice foi o prejuízo financeiro, material e, sobretudo, emocional a sujeitar-se, como se esperassem, havia muito, a ínfima brecha para manifestar a selvageria impiedosa mas latente, e externar o ódio contra a pobre mulher... Assim, se via, indefesa, vulnerável, às portas da derrocada, sem esteio ou qualquer auxílio... Não houve o benefício da dúvida; alguém a se aproximou e questioná-la com o fim de saber a verdade... Não precisavam, já tinham; nos noticiários, nos portais, nas fofocas, nas sentenças e, por fim, a prisão foi a pá de cal em sua ruína.

Enquanto ajeitava o possível e amontoava do lado de fora o impossível, viu o rapaz aproximar.

- Que bagunça! – Olhou por cima dos muros e cercas, e não se conteve – Covardes!

Voltou-se para a Mulher do 171.

- Esses imprestáveis! Sem alma! Tenho vergonha alheia, pelo que fizeram! – Disse em alto e bom som, como se em seu discurso incitasse a audiência ao embaraço, e houvesse a chance de se arrependerem. Ele mesmo não acreditava nisso; queria apenas desabafar e mostrar o quanto estava desapontado e irritado.

Algo lhes garantia haver muitos olhos e ouvidos às escondidas nas janelas, por detrás das cortinas e blackouts, e, aos poucos, o silêncio interrompido pelo

canto de algumas aves, o vento a espalhar folhas e papeis, o oscilar de galhas e ramos, dissipou-se fragorosamente à medida dos portões e grades destravadas, dos passos da vizinhança, a vir e volver acintosos no cimento cru e ferido do passeio, o desfile despidorado e arrogante dos moradores, quase intimidante. Ao ver aquela exibição, a Mulher do 171 se lembrou do que realmente a impedia de desistir: lançar-lhe ao rosto a sua vitória, a capacidade de não somente reconstruir o seu antigo lar, a torná-lo ainda melhor, mas também reerguer a sua vida. Era esse e outros tantos momentos, ostentados pela redondeza, a demovê-la de consentir na tragédia e, mais do que isso, a impulsioná-la à desforra. Não pagaria o mal com o mal, agindo à maneira traiçoeira e abjeta dos seus vizinhos, não. Ao restaurar a ordem e fazê-los engolir a própria empáfia e cinismo, daria a melhor das respostas. Esta era a sua retaliação, não no nível miserável e selvagem deles, que desejavam apenas destruir algo jamais construído, mas derrotá-los em sua própria obra, os mecanismos despropositados de não apenas tomar mas aniquilar o que não lhes pertence, para das cinzas devolver-lhes às suas emulações dilapidadas; como a Fênix, sentia-se de espírito renovado e triunfante... e estes momentos, raros diga-se, revigoravam e faziam-na querer seguir em frente, virar a página daquele bizarro capítulo.

Não satisfeitos em transitar para lá e para cá diante da casa, os olhares se voltaram aos dois, em meio a entulhos, lixo e o ambiente talado do quintal, à construção avariada e sórdida que eles mesmos conceberam inconscientes, mas com todo o desembaraço e sinceridade de espírito... "espírito de porco", dizia de si para si mesma, e não sendo dada a gracejos e risos frequentes e ostensivos, deliciou-se com a imagem deles a chafurdarem na lama.

- O que foi?!... Perderam alguma coisa?! – J.B. disse agastado.

Os olhares permaneceram impávidos, fleumáticos, e de um e outro pode-se ver, ainda que não se ouvisse, risadinhas envoltas em chacota, nitidamente com o intento de tripudiar-lhes com os seus desregramentos.

- Deixa estar, não se aborreça... Como os antigos diziam: enquanto os cães ladram, a caravana passa! – A Mulher do 171 proferiu, sem interromper o trabalho de amontoar os cacarecos.

Ele ouvira esse ditado várias vezes em casa, pois o velho era versado em adágios e aforismos, e para cada situação sempre tinha um, ou mais de um, a defini-la.

- Posso ajudar?

- Quer mesmo fazer isto?

- Sim. Não é justa a maneira como trataram você e a casa... – Viu, por cima dos ombros da mulher, as marcas severas das avarias, pichações, e todos os meios ultrajantes de humilhar e atingi-la em cheio - Se tem algum lugar inviolável, a meu ver, é o lar e a sepultura...

- Eles vão odiá-lo, assim como me odeiam.

- E, daí? Não quero mesmo nada com essa gente! – Proferiu, novamente, em alto e bom som, e intensificou o timbre a fim de conseguir maior amplitude da voz, e alcançar os ouvidos atentos mas dissimulados dos transeuntes. Pensava em feri-los, mais do que chamá-los à razão, e deixar evidente que os seus disfarces, aquilo a tentarem ocultar, deixava mais visível e explícito seus pecados, vícios e defeitos. Mas, pensou, qual a chance de surdos ouvirem e cegos verem? De qualquer forma, ao menos saberiam do seu desacordo, de estar do lado da mulher, disposto a se sacrificar, a ser hostilizado, e, talvez, apenas talvez, em algum momento, um ou outro se compungisse. O mais provável era erguerem barricadas ainda maiores e encastelarem-se na arrogância claustrofóbica da covardia.

E, pôs-se, juntamente com a mulher, a recolher os trastes, formar entulhos, e limpar o terreiro.



ClodoKill

Fernandes

A hóspede sem flores

Quando fiquei sabendo da visita de uma cunhada, a chegar em alguns dias, sem, contudo, ter comprado a passagem de volta, pensei: isso não é um bom sinal... Algo me diz que estou lascado, e essa visita vai demorar mais do que gostaria.

- Como assim?! Não sabe quando ela irá embora?! – Disse, estupefato.

- Ela não quis comprar com antecedência. Vai ver se gosta da cidade... se não gostar, ficará uns três a quatro dias.

- E se gostar?

- Vai saber...

Alguém disse, certa vez, o casamento ser a associação de pessoas, o ajuntamento delas, não apenas dos cônjuges, mas dos parentes também. Então, quando você deseja se unir à sua alma-gêmea (não tão gêmea segundo os altíssimos índices de divórcios, separações e coisas bem piores) traz no mesmo bojo os pais, irmãos, sobrinhos, tios e agregados... além de cães, gatos e canários fofinhos mas barulhentos.

Quando decidimos nos mudar de Limoeiro para o litoral carioca, um dos motivos, não sei se o mais importante, não sei se o menos importante, na verdade, não sei o grau de importância, estava lá, em um lugar na lista: ficar longe dos parentes. Alguém disse também, e sabiamente, que a distância segura onde alguém deveria morar (mesmo não havendo longura suficiente a impedir chatos e folgados) é no local suficientemente perto para ninguém ir a pé todos os dias, nem suficientemente longe para ir de mala e ficar muitos dias. No meu caso, nada disso deu certo. Da próxima vez, o Alasca ou a fronteira da Rússia e Ucrânia seria mais seguro.

No início, parecia tudo bem, apesar de sentir a casa invadida por um exército bárbaro. Mudar os hábitos era uma das piores coisas em minha lista de piores coisas. Tive de ceder o melhor banheiro da casa, com assento estofado e aquecido para ela, a intrusa, e ficar com o da suíte, menor, mais úmido e menos confortável. O copo, xícara, prato e talheres de uso exclusivo tornaram-se, da noite para o dia, coletivos, mesmo deixando claro que eram meus, de mais ninguém, e havia uma infinidade de outros nos armários. Se por birra, provocação ou arrogância, não sei, ela teimava em usá-los a despeito das minhas várias censuras. Por fim, depois do terceiro dia, desisti. Quando fosse embora, os espatifaria de uma vez por todas na calçada.

Entretanto, não havia nada pior que não pudesse piorar. À noite, ela simplesmente não dormia. Zanzava pela casa feito um cachorro louco. Ia à cozinha, remexia as panelas atabalhoadamente, fazia café, sanduiches, esvaziava a geladeira, abria a porta e saía para fumar lá fora, escovava os dentes, lavava roupas, assistia tv e escutava os vídeos estúpidos do TikTok.

- O que acontece com a sua irmã? Está louca?

- Não sei... Estranho, né!... Deve ser porque está ficando surda. – Ela concordou muito rápido, e eu achava que era uma maneira de despistar, aplacar a minha raiva e interromper os meus reclames.

- Surda?! Mais esta... Era só o que faltava!

Passou-se um dia, dois, três. Ela foi à praia, comeu camarão, tomou água de coco, visitou o shopping, as feirinhas, comeu pastel de camarão, tomou mais água de coco, e pediu uma pizza, entre outras banalidades turísticas. E lá estava eu, ao mesmo tempo morrendo de medo de perguntar, ao mesmo tempo curioso para saber.

- Me conta! Está gostando da cidade? – Não resisti, e perguntei.

- Estou amando!! – Disse, mais do que eufórica, quase em transe hipnótico.

Passaram-se mais dois, três dias. Nada dela ir à rodoviária.

- Vai ficar quantos dias? – Perguntei o mais naturalmente possível, frente ao desespero à flor da pele.

- Ainda não sei... Estou gostando tanto que não penso nisso.

Os dias e noites me afogaram em angústia e ansiedade. Ela acordava mais vezes durante a noite, a esvaziar a geladeira, amassar panelas, frigideiras e talheres, quebrar pratos e tigelas (tinha ambas as mãos de quiabo), ligava o rádio e cantava altas horas da madrugada.

- É questão de tempo... A gente acostuma... – A esposa estava definitivamente fora de si.

- E quem disse que quero me acostumar?!

- Resistir é pior... relaxa! – Deu-me as costas. O cinismo estava tomando-a de assalto.

Dias depois, um vizinho me abordou.

- Olha, sabe que não sou de reclamar... – Eu já sabia o que viria em seguida – Mas, depois que a sua cunhada mudou para cá... – Interrompi-o, bruscamente. Atormentado pela ideia.

- Ela não se mudou para cá!! – Esbravejei - É só alguns

dias.

- Que seja!... Mas ninguém tem sossego, ninguém dorme mais. Veja se fala com ela, do contrário, terei que tomar providências.

Falei com a minha mulher.

- Ela tem de ir embora!

- Mas, como?! O que vou dizer?

- Não quero nem saber! Diga o que quiser, inventa alguma coisa, que você está com ebola e eu com distúrbios psicóticos, se preferir, eu sou o doente e você a maníaca, tanto faz. Não importa o que seja, mas ela não pode ficar.

- Conversa você com ela, afinal, é o homem da casa...

- Eu?!... Tem certeza?!

- De ser o homem da casa?

- Claro que sou! Não é isso...

- Então, conversa com ela, benzinho! – Vi-a se afastar, tal qual fazia ultimamente.

Fiquei me remoendo o restante da noite. Não queria ser indelicado ou boçal, mas ela não me deixava outra saída. Pela manhã, abriria o jogo.

Dormi.

Lá pelas tantas, acordei com gritos ensandecidos de socorro. Precisei de alguns segundos para entender de onde vinham. Cutuquei a esposa.

- O que foi? – Quase sonâmbula.

- Não está ouvindo?... É a sua irmã!

Levantou-se da cama. Como não me movi, perguntou, quase exigindo:

- Não vem?!

- Precisa?

- Ora, seu...

Levantei-me, e segui-a. Encontramos a mulher estarecida, em choque, os olhos esbugalhados, os cabelos eriçados, a roupa desmantelada e, o que se viu foi uma das coisas mais esquisitas e aterrorizantes já vistas. Sem saber o porquê de não termos observado aquilo antes, estávamos boquiabertos, pávidos.

- O que foi, meu Deus?! – A esposa correu na direção da irmã.

- Espera! – Segurei-a pelo braço.

- Me solta! – Tentou se esquivar.

- Não está vendo?... Ela está fora de si!

Os braços dela estavam rentes ao corpo, a cabeça empinada, os pés juntos, e deles saíam raízes que se espalhavam pela cerâmica do quarto; os olhos estatelados, fixos como o de peixe morto, e da cabeça despontavam coisas como ramos ou pequenos galhos.

- O que está acontecendo? – Em desespero, gritou.

- Calma, mulher! Não adianta ficar

assim!

- Calma?! Como?!... Veja só! – E apontou na direção da irmã, que começou a mudar a cor, de um tom pálido para verde, e por cima surgia, pouco a pouco, outra camada fina, uma casca acinzentada... as orelhas se tornaram em ramagens e, no topo da cabeça assumiu a forma convexa.

Liguei para o SAMU. Queriam detalhes.

- Ela está se tornando uma árvore?!

- Sim, isso mesmo!

- Ora, seu cretino! Vai dar trote em outra! – A atendente desligou.

A esposa em prantos, feita barata tonta.

- O que ela disse?... Quanto tempo vai demorar?...

- Ela desligou na minha cara. Não acreditou. Me mandou catar coquinhos.

- E o que vamos fazer?

O piso de porcelanato não era o melhor lugar para mantê-la. Pedi a mulher para me ajudar. Carregamos a cunhada para fora. Fui até o canteiro central e escavei. Não sabia quanto deveria furar, mas depois de uns quarenta centímetros de profundidade e outros sessenta de diâmetro, colocamos a planta, joguei terra e soquei até deixá-la firme.

Quando amanheceu, a cunhada já não estava mais lá. Era um arbusto de metro e meio.

Assim, ela acabou por ficar, para sempre, no litoral, entre o sol abrasador e as chuvas persistentes, mas, ao menos, pudemos dormir tranquilamente as noites seguintes. Enquanto o cachorro não se esquecia de regá-la, quatro a cinco vezes por dia.



CONVERSA DE CRENTE

por Michel Salomão

O TRABALHO DO HOMEM

Tem muita gente que pensa que é só pedir o que quer que Deus vai atendê-lo prontamente. Tem gente que acredita que pode até mandar em Deus. Nessas situações, gostam de utilizar o texto de Mateus 7:7, que diz: “Pedi, e vos será concedido; buscai, e encontrareis; batei, e a porta será aberta para vós”.

Mas não é bem assim que funciona. Do jeito que Jesus falou, pode parecer simples, mas há uma série de implicações, lembrando que você precisa fazer a sua parte, trabalhar muito e, principalmente, ter MUITA FÉ. O resto é conversa de coach de autoajuda gospel, baseado em teologias da prosperidade. Fuja de falsos pregadores.

Fique na vagabundagem para ver se os provimentos cairão do céu. Aconteceu no deserto, durante os 40 anos em que o povo hebreu ficou vagando, exatamente por causa da desobediência. Durante esse tempo, tiveram o Maná, mas chegou uma hora que Deus ordenou a pegarem no pesado, pois havia acabado a moleza.

Deus quer que a gente trabalhe. Veja o que diz Gênesis 3:19 “com o suor do teu rosto comerás o teu pão”. E também em Salmos 128:2 - “Comerás do fruto do teu trabalho, serás feliz e próspero”. Deus não quer ver ninguém na vagabundagem. E ele apoia a prosperidade, ao contrário do que muitos marxistas condenam.

Seria muito fácil se eu quisesse uma Ferrari e só precisasse pedir: “Pai, me dá”. E que tal uma casa nova de 5 quartos, lazer completo? Uma viagem para a Europa, em hotéis de luxo e restaurantes com três estrelas Michelin? Demorô! Porém, essa busca incessante por bens materiais podem afastá-lo de Deus. Principalmente se não conseguir obtê-los rapidamente. Não que seja proibido curtir coisas boas, ser bem sucedido, ter conforto, muito pelo contrário, mas a fixação nesse materialismo cria sérios entraves, como no caso do jovem que perguntou a Jesus, em Mateus 19:16: “Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna”? E Jesus respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me”. É claro que ele não atendeu ao chamado.

Jesus não está ordenando a nos tornarmos mendigos. Ele está nos alertando para os excessos. No “Sermão da Montanha” que reproduzimos na edição anterior, ele nos dizia para não nos preocuparmos com o que vamos comer ou vestir, mas para confiarmos. Mesmo que algum mal lhe aconteça, Ele lhe dará o alívio, o consolo. E mais do que isso: a salvação. Para Ele, não importa este mundo. Adão e Eva foram enviados para cá como uma forma de punição. Aqui jaz o maligno. Aqui é a terra do capeta.

Tive a oportunidade de presenciar a morte de duas pessoas, no hospital. O primeiro era ateu, extremamente materialista, e podia ver o desamparo em seu olhar, o desespero para sugar as últimas moléculas de ar que lhe restavam. O segundo era cristão, e partiu sorrindo, em plena paz.

Conheci o homem mais feliz do mundo, que era faxineiro de uma empresa em que trabalhei. Ele estava sempre sorrindo, educado, prestativo, e um dia perguntei a ele qual era o seu segredo. E ele disse: “sou cristão”. Mas também fiquei sabendo do caso de um milionário que se lançou ao mar, virando tiragosto de tubarão, enquanto viajava em um cruzeiro pelas ilhas gregas.

Nós não conhecemos os critérios de Deus. Crentes adoecem e morrem, perdem todos os seus bens em uma catástrofe natural, aviões caem e navios afundam com crentes dentro deles, e a vida segue para os demais, mas esses acontecimentos são capazes de provocar um “impacto” nos sobreviventes, e assim foi com a morte de Jesus: precisava ser tão violenta? Possivelmente, sim, pois estava escrito que seria dessa maneira. Era o que precisava para despertar o sentimento dos cristãos mais acovardados, como Pedro, que chegou a negar Jesus por três vezes. Só assim os cristãos entendem que Ele morreu por nós e nós devemos morrer por Ele. Mas enquanto a morte não vem, trabalhe!

Pare de ficar choramingando que nem uma criancinha e trabalhe no processo de evangelização. Faça discípulos! Pegue um capítulo da Bíblia por dia e fale para as pessoas sobre Sansão, José, Moisés, Abraão, Noé, Jó, Isaque, Jacó e, principalmente, Jesus. Elas irão ficar maravilhadas e você deixará, por alguns instantes, de pensar em besteiras que tiram o seu foco e atrapalham o processo de sua salvação.

Você não pensa na sua salvação? Pois deveria pensar.

obsessão

DISNEY

um conto de Michel Salomão

Mais um dia. Menos um dia. Ao acordar, antes do despertador iniciar as primeiras notas de “Clair de Lune”, de Claude Debussy, ficava por instantes olhando para o teto e tentava imaginar quanto tempo ainda teria pela frente. Acabara de completar 60 anos e não percebeu a ensandecida aceleração do calendário depois que fez 30 anos. Vieram os filhos, as promoções no trabalho, a compra da casa, trocou de carros várias vezes, frequentou muitas festas, fez grandes viagens, mas não tinha como estimar quanto tempo lhe restaria de vida.

Havia fumado um pouco na adolescência, para parecer “descolado” e bebia só cerveja, não mais do que isso, pois nunca gostou de destilados. Experimentou maconha, mas não aprovou, pois provocava nele uma espécie de “delay”, que atrapalhava as conversas com as pessoas e também o reflexo na direção de seu carro.

Havia se divorciado aos 40 anos, e não acompanhou de perto a adolescência dos filhos, o que foi bastante complicado, pois se tornaram rebeldes e demoraram para retomarem o caminho. Hoje estavam casados, lhe deram três netos, mas o resultado dessa falta de acompanhamento era que não os via com frequência, pois se tornaram mais ligados à mãe e avó, obviamente.

A ex-esposa se casou novamente e não mantinham contato, desde aquela época. Restou apenas uma indiferença que já era perceptível logo depois que se casaram, e ainda mantiveram uma fantasiosa harmonia durante sete anos, quando decidiram seguir cada qual o seu rumo. Ele viajava muito na época e assim foi se distanciando dos filhos, pois nas principais festividades, preferiam ficar com a mãe. Atualmente, os via de uma a três vezes ao ano e mesmo as ligações telefônicas se tornaram raras. Não sentia falta das pessoas. Depois que se aposentou, ainda manteve algum contato com a turma do trabalho, se encontravam no bar que ficava próximo à empresa, falavam mal dos seus chefes e de outros colegas ausentes, e a vida seguia o seu rumo. Depois que dois ou três morreram, pararam de se encontrar.

Seguia sempre a mesma rotina: ao acordar, ficava por instantes olhando para o teto, se levantava, afagava a cabeça do seu cão que sempre dormia ao lado da sua cama, ia até o quintal, lavava as vasilhas dele, colocava a ração e a água, ia até a cozinha, colocava a água do café para esquentar, separava o seu pão com manteiga, pegava uma fruta no cesto em cima da pia e ligava a TV, para ver as notícias ruins. Sempre prometia a si mesmo que iria parar de ver essas coisas, pois o jornalismo se restringe a enfocar as misérias do cotidiano, e as pessoas vão se tornando angustiadas e potencialmente suicidas. Não precisava saber que do outro lado do planeta uma criança ficou presa em um buraco estreito com 20 metros de profundidade. Ou que um avião caiu na selva e apenas um homem se salvou, se arrastando por quilômetros e teve quase todo o intestino devorado por vermes. Assim, preferia passar o dia assistindo vídeos de humor na internet.

O seu maior sonho era voltar aos parques da Disney e da Universal Studios. Conheceu os parques em Orlando quando os filhos ainda eram pequenos e ficou fascinado com aquela perfeita reprodução de ambientes, nas salas de espera dos brinquedos, o que demonstrava um excessivo capricho das pessoas envolvidas com a construção daquele mundo da fantasia, bem diferente dos parques no Brasil, onde as pessoas ficam em grandes filas à mercê de tapumes mal pintados.

Ele queria viver permanentemente naquele ambiente, mesmo sabendo que era artificial. Durante muitos anos, tentou guardar dinheiro para retornar, mas sempre surgiram imprevistos que o impediam de concretizar o seu sonho, e sabia que, se conseguisse, seria difícil administrar a frustração do retorno ao Brasil, quando teria que encarar as misérias de um povo faminto que não sabe escolher os seus representantes, da absoluta injustiça e da criminalidade fora de controle.

Na Disney era tudo perfeito: lá não havia nem insetos, tudo era embalado, embelezado, limpo, esterilizado, a manutenção era impecável, as pessoas estavam

sempre sorridentes, alegres, gentis. Aquela artificialidade era tudo o que queria, para o resto de sua vida. O mundo real era cruel.

Durante anos, dedicou-se a uma disciplina quase obsessiva para aprender a falar um inglês perfeito, quase sem sotaque, com o objetivo de conseguir um emprego em um parque da Disney. Mandava cartas, e-mails, ligava para todos os contatos possíveis, até que um dia uma boa alma recrutadora se deu conta de que um jovem aposentado com boa fluência no idioma poderia ser útil como guia de turistas em um dos parques daquele país.

Com uma emoção incontida, entrou no voo em direção ao mundo da fantasia, e o seu primeiro destino seria o "Animal Kingdom", exatamente o que mais gostava, pois tinha um clima de safari (sem os insetos) que o remetia às aventuras na fazenda do avô, onde enfrentava ferozes galinhas no quintal, e vez ou outra um gambá ou mico-estrela mais ousado.

Dizem que naqueles parques são realizadas dedetizações rigorosas e periódicas, daí a explicação para não haver um único bichinho chato para picar a sua pele e deixar aqueles calombos horrorosos, como no caso dele, que tinha terríveis reações alérgicas que um dia o obrigou a parar em um hospital, pois corria o risco de sofrer um choque anafilático. Nunca aceitou participar de acampamentos

exatamente por causa dos insetos, que repudiava, e por isso a Disney era, para ele, um verdadeiro paraíso, mesmo que, por conta disso, acabasse intoxicado com fortes inseticidas que utilizavam, que também poderiam fazer nascer em sua pele reluzentes escamas azuis. Também ouviu falar que existiam cidades subterrâneas sob os parques, onde os funcionários tinham que trafegar em carrinhos elétricos, e lá existiam banheiros, vestiários, alojamentos, restaurantes e não sei mais o quê, e também soube que todos os postes, cercas e paredes eram repintados ao final de cada dia, pois não aceitavam qualquer espécie de defeito na conservação dos ambientes.

Ouviu dizer que e todos os lugares existiam câmeras e microfones para captarem a mais remota confusão ou atentado, pois é sabido que muitos malucos, inimigos do "American Dream", seriam capazes de cometer.

A temperatura estava bastante agradável, por volta de 16° e o céu de inverno estava límpido, com um azul padrão Windows, e sentia uma absurda emoção de estar pisando naquele lugar para trabalhar, o que faria até de graça, ou mesmo pagaria por isso, caso fizessem um bom desconto para frequentar de domingo a segunda, e faria isso até o último dia de sua vida, mas a emoção foi tão avassaladora que, a poucos passos da portaria, sofreu um infarto fulminante, encerrando ali o seu maior sonho.



DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira

Prometi que escreveria algo sobre educação. Aliás, trata-se de um projeto, por enquanto, apenas mental: escrever e lançar um livro sobre o dia a dia dos professores, baseado em relatos reais das piores coisas (e não são exatamente poucas) feitas perversamente por muitos “mestres”, e que infelizmente presenciei e não terei de guardar qualquer “escrúpulo” corporativista, pois a vontade era mesmo a de esganar alguns malditos pedagogos, que não deviam ganhar sequer a credencial para limpar chiqueiros, com todo o respeito que merecem esses profissionais. Falta-me apenas decidir se o trabalho, e a cansaça, e a raiva compensam o hercúleo esforço de transformar em palavras a vergonha da nossa classe; pois, sim, sou professor e estou a falar do que sei, e vislumbro há algumas décadas. Mas, se alguém pagar, quem sabe o trabalho não se torna menos espinhoso?

Quem, casuisticamente, tenha se ferrado no casamento ou em outro relacionamento menos oficial sabe, por experiência, que a culpa, embora atribua uma desculpa, não funciona. Assim é em várias esferas da vida, e aqui não é muito diferente.

No caso da educação, entre equívocos, patacoadas, canalhices, maldades e loucuras, atribui-se-lhe como instituição e seus vários modelos educacionais, desde os mais criativos aos deliberadamente estúpidos e insensíveis, a chancela ou culpa pelo fracasso. Entretanto, em toda a história, algo se tornou evidente e palpável: quem quis estudar, estudou; a despeito das dificuldades do mundo real e suas tantas variáveis, pouco ou nada controladas, nenhuma foi capaz de eximir logicamente o estudante de sua responsabilidade por não ter aprendido ou se interessado em aprender.

Muitos dizem que a educação (como instituição, método e modelo) não tem solução; em parte é verdade, pois a resposta ou aquilo a torná-la eficiente prescindiria de tudo ou pelo menos de muita coisa que os educadores, nos dois extremos do espectro pedagógico, cultuam tanto: a nota como mensuradora de algo praticamente imensurável ou quantificável, e a falta dela, o oposto, na forma de um relativismo desregrado onde qualquer ação e ato seja “absolutamente” louvável.

Outro aspecto, tal qual as religiões, é existir uma cadeia complexa e incompetente de hierarquia e comando, a burocracia estatal e seus agentes, preparada a manter ambos os sistemas em atividade. Ninguém quer abrir mão dos seus “interesses” e desejar, honestamente, simplificar o processo.



É conveniente manter o que está posto e estabelecido, afinal, muitos têm estabilidade, carreira, sindicatos, políticas públicas, narrativas, relatórios, estatísticas e o escambau, e a maioria, convenientemente, pouco se importa com o estado real de uma educação raquítica e notadamente malograda (não é preciso nem os indicadores internacionais; basta conversar com um universitário ou bacharel e reconhecer o fracasso do ensino brasileiro, salvo raras exceções), enquanto os “mestres” também criados por este mesmo sistema obtuso (para dizer o mínimo), preocupa-se com o benefício próprio. Claro, existem exceções, louváveis, de professores conscientes da realidade e focados não em dados estatísticos frios e enganosos, mas em doar-se, abnegada e contra o status quo, a levar conhecimento, interesse e aguçar a imaginação, escrutínio e investigação dos seus alunos, mesmo que seja alcançar uns poucos, em busca dos reais resulta-

dos. E esta é uma verdade: a despeito da publicidade afirmar que todos podem ser acadêmicos e mestres, a realidade, e até mesmo os famigerados números, mostram que escolas e universidades têm produzido mais diplomas do que estudiosos e especialistas. Existe uma indústria por trás de tudo, e na educação não é diferente, especialmente se unir-se lucro, ideologia e estado.

Apontam-se deficiências no ensino básico, e isso é outro fato; mais do que no passado, o alicerce, a base da educação está cada vez mais corrompida e disforme. Entretanto, a corrosão, o desvio, as mentiras, não se restringem à essa esfera, mas, progressivamente, alcança os mais altos setores acadêmicos e, a olhos vistos (só não vê quem não quer mesmo ver, seja por cegueira e ignorância, por acomodação e interesses, por dolo e trapaça) são perceptíveis o estado em que o ensino descamba: para um desastre de proporções terríveis e a se agravar nos próximos anos e décadas, onde cada vez alunos de países definitivamente mais carentes que o Brasil se saem melhores nas avaliações internacionais. Tudo isto a despeito da publicidade estatal a laurear-se do que não fez, esquecendo-se do que fez e está a fazer. Estamos, como tudo indica, a voltar no tempo, a encabeçar a lista das nações onde o analfabetismo (não apenas funcional, no qual temos o pódio garantido, mas também formal) é a característica particular do nosso fiasco.

Mas por que essa conversa, se não chegaremos a lugar algum e nada será mudado?

Acabei de ver um colega dar um show de ensino prático a alguns alunos; aliás, está em desvio de função, pois não suporta mais a situação caótica das salas de aulas e, com isso, se dispôs a auxiliar a qualquer professor que precise de apoio efetivo e não somente de retórica. Seus métodos fogem ao escopo padrão “MEC”, pois utiliza uma linguagem própria para os adolescentes, sendo capaz de explicar-lhes temas complexos com alguns exemplos e objetividade, sem subterfúgios ou malabarismos. Geógrafo de formação, foi advertido por, em suas aulas, os alunos não terem nada anotado em seus cadernos, para desespero da direção e dos pais que pressupõem “anotações” como algo próximo a “dever cumprido”, “matéria dada, matéria aprendida”. Na verdade, um subtipo de pragmatismo sem resultados. Ou coisa pior.

Em outras palavras, o seu ensino consiste em, dentro do seu conteúdo, transmitir aos alunos aquilo a poder imediata e facilmente se apropriarem e relacionarem à vida, com o mundo real, de maneira simples, didática e eficiente. Contudo, o sistema não se interessa pelo verdadeiro aprendizado, infelizmente. E produz cada vez mais loucura a fim de satisfazer os loucos. Por exemplo, ontem, uma professora estava orgulhosa, quase em cartase, ao mostrar fotos da filha, aluna de outra escola, ocupada em um projeto que considerou louvável e maravilhoso: “o dia do cabelo louco”. Não estou brincando, é sério! Cada criança foi

com o cabelo mais criativo (louco mesmo) e a justificativa foi a de que “a escola precisa desses projetos para tornar o ensino mais divertido”. E assim, cada vez mais hordas de abestalhados, tolos e ignorantes subsistem nos bancos escolares, e deles são arrancados para uma existência tão estúpida e superficial quanto lhes foi possível ensinar.

Pare o mundo, que eu quero, não, EXIJO descer!

E nesta toada, mesmo que os indicadores não digam tudo, dizem o suficiente para revelar, a quem não está completamente cego pela própria imagem criada para si e os outros, de que o ensino nacional está em coma quase irreversível. Talvez, se não fossem os casos de professores, como o citado anteriormente, já estaria morto e sepultado havia muito.

Mas, por que este estado de coisas? Poderíamos mais exatamente dizer que se trata de uma tendência, para alguns inexplicável, indefinida e sem sentido, mas capaz de, sem apelar ao reducionismo ou o negativismo irracional, apontar para a herança do pecado original: a de sempre preferirmos que a vaca vá para o brejo! Ou seja, o lado “escuro” da humanidade satisfaz-se em buscar a “luz” destruindo as poucas lâmpadas ainda acesas. Escolhemos as guerras ao invés da paz, e praticamente quase todas as demais coisas seguem o mesmo ritmo: mais facilidades que dificuldades, mais malandragens e vantagens do que justiça, mais pão e circo; e dê uma piaba ao invés de ensinar a pescar cardumes. Cedo ou tarde, ultimamente mais cedo do que tarde, a nossa perversidade se manifesta, e somos muito eficientes, ágeis e objetivos em produzi-la, ou não? Claro que somos! Basta uma rápida olhada ao redor para certificar-se disso; a menos que, como já dito, a cegueira (ideológica, política, psicológica, educacional, moral ou espiritual) seja impeditivo para quem não quer ver não veja.

Por que então alguns países se saem melhores do que o nosso? Se o modelo adotado e construído historicamente, apesar das mazelas humanas que não são poucas, é quase o mesmo?

Há uma realidade inegável, na história e na espécie humana, uns vão à frente e outros mais atrás. Na cultura, nos valores, nas diversas técnicas, na nossa sobrevivência, não é diferente. Alguns valores, algumas atitudes, tanto pessoais, individuais e até coletivas, aplicadas coincidentemente se provam objetivas e eficientes, enquanto outras não. Como todas as coisas em todas as áreas da vida: se tem o sucesso ou não se tem.

Comemora-se, colhe-se os bons ou os maus frutos, alcança-se novos estágios ou sucumbe-se à jornada. Cada um é sobrevivente ou não, simples assim. Toda explicação é a posteriori, como o legista que explica científica e tecnicamente uma morte, mas não a evita. Como um casamento!

Sigamos a vida! Se possível, salgando e lançando luz em meio às trevas; e evitando apagar as lâmpadas que nos mostram o caminho, e nos afastam de tantos becos sem saídas ou dos profundos abismos.



Othon Cávado

Em um mundo cheio de barreiras, a verdade é que somos todos iguais, mesmo com diferenças sociais, culturais, étnicas etc. Mas nada disso pode nos tornar mais ou menos humanos; apenas humanos na essência, e diferentes quanto as coisas gerais. Tanto se fala em amor como nunca antes se falou, mas boa parte desse amor foi ideologizado, se tornando nada mais do que uma peça publicitária para o discurso e a retórica por trás de um sistema de ideias.

O próprio filme, num letreiro no refeitório, reproduz parcialmente os escritos do Apóstolo Paulo sobre o amor:

“E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha” (1 Coríntios 13:3-8)

E esta é a proposta do filme, falar do amor incondicional, colocar o próximo acima de si mesmo,

dos seus obstáculos, e tratá-lo como superior a si mesmo; é abrir mão de fazer ou ser o que se quer para cuidar do outro; em suma, o amor é a única “afirmação” de que a humanidade precisa, o real e verdadeiro “empoderamento” humano; pois o restante é legitimar manobras e programas e interesses nada amorosos.

Com ótimas interpretações, um roteiro emocionante sem ser piegas, o filme é recomendado a todos aqueles que não somente queiram acender uma tocha (a luz, não a destruição), mas mantê-la acesa.

Nota: Filme disponível em várias plataformas de Streaming.

Título: “Same Kind of Different as Me” (Somos todos iguais)

Estreia: 2017

Roteiro e Direção: Michael Carney

Elenco: Greg Kinner, Renée Zellweger, Djimom Hounsou, Jon Voight, Olivia Holt, Mykel Shannon, entre outros.

Trilha Sonora: John Paesano

Produtora: Paramount Pictures

PARANÓIA GERAL (CAPÍTULO I) (crônica de Michel Salomão)

- Papai, eu sou menino ou menina?

Antes de pensar em responder, o pai olhou para os lados, para ver se não estaria num ponto cego das câmeras estatais instaladas na cozinha, mas que desconfiava nem estarem funcionando, pois há anos não vinham fazendo a manutenção, nem mesmo nas que estavam instaladas nos quartos e nos banheiros.

- Você pode ser qualquer coisa que quiser, meu filho.

- E se eu quiser ser um cachorro ou um gato?

- (aliviado) Também pode, filho.

- Posso? Então quero comer ração.

- Não vai lhe fazer bem, filho.

- Como não? Cachorros e gatos comem ração.

- Mas você é uma espécie de cachorrinho ou gatinho diferente.

- Qual a diferença? Eu quero ser que nem o Bingo.

- O Bingo é cego de um olho e não tem uma perna. Ele foi atropelado.

- Eu também quero ser atropelado.

- De jeito nenhum!

Surgido do nada, entra na sala um inspetor governamental.

- O quê o senhor disse?

- Disse o quê?

- Pois sou eu que quero saber o quê o senhor disse.

- Sobre o quê?

- Tudo estava sendo gravado.

- Pois bem: mostre-me a gravação.

- É que... bem... hã... humm... você vai ter que repetir para que eu possa gravar. Tinha acabado a fita.

- Dizer o quê?

- Que uma criança não pode ter uma anomalia física se for esse o seu desejo.

- Agora fui eu que gravei.

- (apavorado) Você não faria isso...

- Pois eu fiz (mostra o microgravador). Agora some daqui!

- Assim eu vou perder o meu emprego. E posso ser preso. Tenho uma família para cuidar.

- Vá se lascar!

- Isso não vai ficar assim! - e sai furioso.

Dessa vez ele havia se safado. Mas não seria por muito tempo. Os inspetores governamentais intensificariam ainda mais o cerco, até encontrarem um motivo para enquadrá-lo nas Leis de Segurança, pois era assim que ganhavam as suas gordas comissões. Tempos ainda mais difíceis estavam por vir. Mas ele resistiria até o fim.





O governo atual acusa o governo anterior de cometer os mesmos crimes que passou a cometer, e os responsáveis por essa contenda prometem a aplicação das mais severas penas para os representantes do governo anterior, sem se atentar para as implicações do atual governo.

As maiores autoridades responsáveis pela solução de conflitos de tal grandeza foram perguntados sobre a situação, e assim se pronunciaram.

- Vocês não vão fazer nada com relação ao atual governo?

- Não fomos provocados.

- Mas está aí, na cara de vocês. A coisa é tão gritante que não dá para esconder.

- Precisamos ser acionados para iniciarmos a análise do caso concreto. Não podemos agir diante de hipóteses. Dependemos de uma denúncia.

- E quem poderá fazer essa denúncia?

- O governo atual.

- Mas ele jamais faria isso. Ele está agindo deliberadamente contra o que está prescrito em Lei.

- Ele não pode fazer isso.

- Por quê não?

- Porque estaria desobedecendo a Lei.

- E se ele resolver desobedecer a Lei?

- Será denunciado.

- Por ele mesmo?

- Exatamente!

- E se não fizer?

- Será duramente penalizado.

- Deixe-me ver se entendi: ele mesmo providenciará o cumprimento da própria pena...

- É o que se espera. Vejo que você entendeu a lógica da coisa.

- E não há nada mais a fazer.

- É a Lei. Nas próximas eleições você poderá escolher o seu representante, mas não existe garantia que o vencedor será empossado.

PARANÓIA GERAL (CAÍTULO III) (crônica de Michel Salomão)

O homem foi ao oftalmologista e deitou-se na maca, conforme a orientação do médico. O profissional lavou as mãos e calçou as luvas de borracha. Depois pediu que baixasse as calças e ficasse na posição de “frango assado”.

- Doutor, deve estar acontecendo algum engano. Vim aqui para fazer um exame de vista.

- Mas é assim que é feito agora, pelo princípio da entropia.

- Mas entropia é um conceito da termodinâmica que mede o grau de desordem das partículas de um sistema físico. Em outras palavras, na Física, é uma grandeza que mede o grau de liberdade molecular de um sistema, associado ao número de configurações possíveis com as partículas que ele possui.

- É isso aí: baixe as calças e a cueca.

Resignado, fez o que o médico ordenou. O problema é que durante o exame, o médico teve que atender um

- Você se consultou com o Dr. Janssen?

- Sim. Por quê?

- Ele utilizou o seu método da entropia?

- (preocupado) Sim... achei um tanto estranho mas acabei obedecendo...

- (apertando a boca) Hummmm...

- O que você tem a dizer acerca desse método? Você tem alguma informação a respeito?

- Há controvérsias...

O telefone móvel do atendente toca. Ele sai por uma portinha que ficava atrás do balcão e assim se passaram mais de dez minutos. O homem primeiramente acionou um sininho, depois bateu palmas e chamou pelo rapaz, mas não houve nenhuma resposta. Por fim, resolveu levantar a tampa do balcão e verificar pela portinha o que teria acontecido. Havia marcas de sangue no chão. A porta dos fundos estava aberta.



telefonema e com a outra mão, que já estava introduzida em seu orifício, orientava o interlocutor acerca do itinerário que deveria seguir até o seu consultório, indicando quando deveria entrar à direita ou à esquerda, a seguir em frente e a pegar uma rotatória.

- Pronto! Pode se vestir.

O médico aviou a receita e entregou ao paciente, que se deu conta de que teria aumentado um grau em razão da presbiopia, e que assim teria que providenciar novas lentes para os óculos.

Chegando na loja, o atendente o interrogou, apreensivo:

Ele não sabia se acionava a polícia, pois poderiam interrogá-lo a respeito do episódio, e talvez haveria alguma implicação com o princípio da entropia. Resolveu ir embora, cuidando de limpar suas impressões digitais no vidro do balcão e também da maçaneta da porta.

Mas quando atravessava a avenida, um carro preto, do tipo furgão, interceptou o seu caminho. Devia haver uns seis homens lá dentro, todos vestidos de preto e com óculos escuros.

Entre - disse um deles.

Ele entrou. Mas não sabia para onde seria levado. Ou talvez soubesse. O seu destino estava traçado.

- Você não me ama mais...

Fazia uns quatro anos que ela não vinha com essa conversa. Das outras vezes, teve até alguns motivos, pois ele estava no auge da sua produção hormonal, além da alta posição na empresa, com direito a secretárias bonitas e muitos happy hours após o expediente.

- Não fale isso, querida. É claro que amo...

Teve um tempo em que mal parava em casa. Certa noite, voltando da balada quase às 6 da manhã, porque sabia que a esposa dormia como um fóssil, entrou sorrateiramente de ré no quarto, depois de tirar a roupa na sala, mas a esposa acordou e perguntou se estaria chegando àquela hora.

- Estou indo comprar pão.

E lá foi ele comprar o seu pão, mas não conseguiu dormir quando voltou, porque teve um almoço na casa da sogra, e o cunhado não parou de falar de política, as crianças gritavam como loucas na varanda, o ouvido zumbia fortemente, e o sono era tamanho que temia começar a roncar diante do prato.

- Querido, a Gilcema-ra está nos convidando para ir à noite na casa dela.

- Não! - gritou, mas percebendo o excesso, complementou que não poderia, pois tinha que

terminar um relatório da empresa. Mas é claro que a mulher não aceitou o argumento e fechou a cara até a hora de irem embora. No carro, disparou:

- Onde você estava até as seis horas da manhã?

- Dormindo. Até que resolvi ir comprar o pão.

- Eu acordei às cinco e você não estava na cama.

- Cinco horas? Você só pode ter confundido. Cadê o relógio?

- Está em casa. Lá eu lhe mostro.

Na primeira parada do semáforo ele entrou no aplicativo do smartwatch que havia dado de presente para ela, que controlava do seu próprio smartphone. Assim, poderia atrasar o relógio em até 5 horas.

Chegando em casa, a esposa foi direto ao criado e viu que o aparelho marcava meio-dia. E eram cinco da tarde.

- Ah, desculpe, meu amor. Eu estava nervosa. Também você não precisava responder ao convite da minha irmã daquele jeito. E mesmo assim, ontem você chegou tarde.

- É que o relatório que tenho que fazer é muito importante.

Fechou-se no escritório e conseguiu tirar o melhor cochilo dos últimos 30 anos. Mas prometeu a si mesmo que dali para a frente levaria uma vida mais correta, pois já não estava mais jovem para tamanhas aventuras. O seu colega Bruno havia infartado por conta desses abusos. Mas Acordou com um estrondo que parecia vir da cozinha. Chamou pela esposa e ela



não atendeu. Caminhou cuidadosamente até lá, levando na mão um chinelo, para o caso de deparar-se com um invasor. A luz da área de serviços estava acesa. Chamou pela esposa. Nenhuma resposta. Um novo barulho vindo do quarto de despejos. O coração disparou. Voltou até a cozinha e pegou uma faca de cortar pão, pois era a maior que havia na gaveta. As outras deviam estar sujas, dentro do lava-louças que se esqueceu de ligar logo que chegou. Um novo barulho mais forte quase fez com que o coração saltasse pela boca.

- Ana? Ana, é você?

Nenhuma resposta.